

ZERO

PRIVACIDADE

CURSO DE JORNALISMO DA UFSC • FLORIANÓPOLIS, OUTUBRO DE 2006 • ANO XXII • NÚMERO 02 • ESPECIAL PRIVACIDADE



**ENTREVISTA:
UM OLHAR
VOYEUR**

PAG 03



**QUEM TEM
VERGONHA
DO MÉDICO?**

PAG 06



**CÂMERAS
FLAGRAM
CRIMES E
SACANAGEM**

PAG 12

HENRIQUE SILVEIRA



Vida sem paredes

Desabrigados de Florianópolis expõem suas rotinas a toda uma cidade. Têm seus hábitos escancarados, fazendo de árvores banheiros, tomando banho se puderem,

improvisando refeições e dormindo até em viga de ponte. Conheça histórias de quem mora na rua em busca de liberdade, ou por pura necessidade. **CENTRAIS**



Carta ao Leitor

"No princípio, Deus criou os céus e a terra." Já ouvi falar que esse é o melhor lead já feito. Não custa nada tentar. Mas, fazendo um avanço cronológico rápido: houve a descoberta do fogo, César foi apunhalado pelas costas e a I Guerra Mundial abalou nações. As "Diretas Já" correram bem e os "caras pintadas" (há quem acredite) fizeram o primeiro impeachment do Brasil. As duas torres caíram, um operário na Presidência de nosso país concorre ao segundo mandato e o Jornal Laboratório Zero passa a ser disciplina obrigatória do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina. A partir daqui, é só novidade.

Junto com a inserção na grade curricular, o Zero, antes

disciplina optativa, vem com nova apresentação e traz assunto temático dividido entre 10 editorias possíveis: Opinião, Cidadania, Saúde, Tecnologia, Cultura, Esporte, Comportamento, Entrevista, Ensaio Fotográfico e Crônica. Os textos estão mais curtos e os infográficos esclarecerão pontualmente algumas informações, facilitando a leitura e compreensão das reportagens. Projeto gráfico e direcionamento mais abrangente.

A cada edição, um novo tema será abordado e no site (www.zero.ufsc.br) você poderá acompanhar uma clipeagem de notícias que anteciparão o tema do Zero seguinte. Ambiente experimental, trazendo o aluno mais próximo da vida real de uma redação.

Assim apresento o novo jornal laboratório, que, inaugurando sua roupagem, traz um tema eternamente Pop, a Privacidade.

Desde quando mais de um homem habita a terra e a fechadura começou a ser usada (dados apontam o Antigo Egito, há 4 mil anos), a intimidade alheia é paradoxalmente interesse público, por isso o tema foi escolhido. Não para tratar de fofoca, mas de como nossas vidas estão sendo invadidas de uma maneira ou de outra, para nosso bem ou constrangimento, por nossa vontade ou por corruptela social. Sinta-se convidado a conhecer o novo Zero, porque mais eu não conto.

FREDERICO CARVALHO
Professor Coordenador

CHARGE



ARTIGO

>> PRIVACIDADE: Uma questão cultural <<

CARMEN RIAL

Professora do Departamento de Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina

O que há em comum no fato de Luís XV – *le roi Soleil* para os franceses – acordar pela manhã com vários cortesãos no seu quarto, realizar diante deles as abluções matinais, defecar e comer nas suas presenças, sem demonstrar nenhum constrangimento por isso, e o fato de os esquimós filmados por Robert Flaherty em *Nanook of the North* repartirem nus uma mesma cama? Tanto em um como no outro caso, estamos diante de expressões de privacidade muito diferentes das que compartilhamos hoje, nas sociedades modernas ocidentais. Entre nós (brasileiros, de camadas médias), a privacidade é um valor importante, de modo que acharíamos esses comportamentos inadequados, senão imorais. Respeitamos um espaço individual, que é tido como um direito de cada um: aqui se usam banheiros em isolamento, e só se aceita repartir a cama com parceiros sexuais – com amigos e com familiares, em caso de emergência; mas nunca com estranhos. No entanto, essa era uma prática comum na Idade Média e não estava, de modo algum, relacionada com a pobreza, como hoje. Lemos, em Norbert Elias, um historiador alemão, que viajantes hospedados em uma pousada repartiam a mesma cama, apesar de completamente estranhos. E os manuais de boas-maneiras que circulavam na Europa no Século XVI ensinavam a ter cuidados com esses companheiros de cama: evitar dormir sem roupa, evitar fazer gestos amplos que tocassem o seu corpo, procurar ficar restrito ao seu lado da cama. Isso era respeitar a privacidade, então.

Nem todas as formações culturais compartilham dos mesmos códigos de privacidade. Temos quartos separados e pratos que separam o que comemos da comida dos outros comensais, usamos roupas que não são usadas por outros – enfim, há como que



uma mônada garantindo nossa privacidade e que se estende cada vez mais para incluir outros espaços e objetos: há anos, as crianças repartiam a mesma cama; depois, passaram a dormir em camas separadas, mas repartiam o mesmo quarto. Hoje, ideal-

mente, cada uma já tem o seu quarto, e aqueles com mais posses já têm também o seu banheiro, a sua televisão, o seu mini-refrigerador, o seu computador, enfim.

O antropólogo norte-americano Edward Hall conta o caso de um advogado alemão que mandou aparafusar as poltronas ao chão, pois, cada vez que um americano vinha consultá-lo, aproximava a poltrona da sua, o que o incomodava enormemente. Alemães, diz Hall, têm uma idéia de privacidade que implica uma separação física, visual e sonora; necessitam de portas de madeira pesadas para separar as peças da casa, pois só assim garantem o seu isolamento. Já os ingleses, acostumados a compartilhar quartos nas escolas-internatos, têm outras formas de criar sua esfera privada: se um inglês ficar em silêncio, vai considerar-se plenamente isolado mesmo estando na presença de outra pessoa.

Evidentemente, esse crescimento da esfera do privado que verificamos nas sociedades ocidentais, de modo geral, ocorre em detrimento do que se compartilha, do que se realiza em público. Ocorre em favor do individual e contrário ao coletivo. Não há aí uma valorização positiva ou negativa, são apenas dois modelos que, como vários antropólogos têm mostrado, instituem diferentes sociedades. Talvez no extremo da privacidade, do individual, poderíamos colocar os Estados Unidos; no outro, poderíamos colocar a Índia. O Brasil oscila entre esses modelos.

ZERO

ESPECIAL PRIVACIDADE
Curso de Jornalismo da UFSC
Florianópolis, Outubro de 2006
Ano XXII • Número 2

REDAÇÃO DO JORNAL
Curso de Jornalismo
UFSC-CCE-JOR
Trindade - Florianópolis, SC
CEP 88040-900

EDIÇÃO

Caroline Mazzonetto • Edlena Barros
Felipe Seffrin • Paola Bello
Sara Uhelski

REPORTAGEM

Augusto Koëch • Daiane Fagundes
Daniele Martins • Érica Georgino
Euclides Garcia • Jacy Diello
Jésica Maia • Luana Rech
Marina Gazzoni • Raquel dos Santos
Roberta Ávila • Rosalvo Streit Jr.
Stenio Andrade • Tiago Agostini
Vitor Hugo Brandalise

ILUSTRAÇÃO

João Jair Romão • João Pedro
Lucas de Abreu • Roberta Ávila

EDITORIAÇÃO

Dirceu Getúlio Cunha • Felipe Seffrin
Tatiana Leme • Ticiani Aguiar
Rafael Paulo

FOTOGRAFIA

Daniele Martins • Henrique Silveira
Jésica Maia • Rosalvo Streit Jr.
Vitor Hugo Brandalise

MONITORIA

Lucas Amorin

PROFESSOR COORDENADOR

Frederico Carvalho

INFORMAÇÕES

IMPRESSÃO: Diário Catarinense
CIRCULAÇÃO: Nacional
DISTRIBUIÇÃO: Gratuita
TIRAGEM: 5.000 exemplares

TELEFONES

+55 (48) 3331.6599 • 3331.9490
3331.9215 • FAX: 331.9490

NA INTERNET

SITE: www.zero.ufsc.br
EMAIL: zero@cce.ufsc.br

★★★★★

Melhor Peça Gráfica
I, II, III, IV e XI
Set Universitário / PUC-RS
1988, 89, 90, 91, 92 e 98

★

3º melhor
Jornal-laboratório do Brasil
EXPOCOM 1994

★

Melhor Jornal-laboratório
I Premio Foca
Sind. dos Jornalistas de SC, 2000

VOUYERISMO

Por trás das lentes de um olhar voyeur

Em uma janela no alto, a luneta do estudante G.N. acompanha silenciosamente a rotina de desconhecidos

DANIELE MARTINS

ZERO • Quando você começou a gostar de observar a rotina das pessoas?

G.N. • De certa maneira eu acho que meu pai deu a deixa pra gente gostar desse tipo de coisa quando comprou a luneta. Então eu vim morar em Florianópolis e comecei a ter o hábito de usá-la para reconhecer os pontos da cidade. Onde eu moro é um lugar mais alto, de onde eu posso ver vários prédios. E automaticamente, por hábito, você começa a observar as pessoas e reconhecer alguns padrões de comportamento. É aí que eu acho que você começa a se transformar num voyeur, obter um prazer não necessariamente sexual, em espreitar a vida e a intimidade alheia, ou seja, ver uma atividade que a pessoa não sabe que você está vendo. Pode ser uma pessoa dentro de casa, lendo um livro, pode ser uma briga de casal.

ZERO • Como você se sente ao observar alguém?

G.N. • O legal é ver, participar de alguma coisa como uma espécie de ser onipresente. Dá uma sensação de poder. Da sua janela, você está vendo alguma coisa, alguma coisa está acontecendo, a pessoa está sozinha, uma outra pessoa está discutindo, fazendo qualquer tipo de atividade. Dá uma sensação de poder, de controle, de estar monitorando alguma coisa.

ZERO • Como é a relação com o observado? Você se familiariza com a pessoa a ponto de reconhecê-la na rua?

G.N. • Em seis meses que eu olhava direto, eu reconheci uma ou duas pessoas. É possível que eu tenha encontrado com outras pessoas na rua depois e não tenha reconhecido. Eu não teria uma relação direta assim ainda que tivesse visto uma coisa chocante. Se eu passasse por uma pessoa da qual eu sei muita coisa - que eu tenha visto pela janela - eu não passaria por ela com uma sensação de "eu sei quem você é". Não é assim. Simplesmente, eu vejo como passatempo. Durante o passatempo, você tem aquela sensação de que está olhando. É como se você estivesse falando baixinho: eu vejo você. Não considero também que seja uma coisa pervertida. Não muito.

ZERO • Você tem curiosidade de ouvir o som das cenas?



DANIELE MARTINS

perfil

Ele ganhou uma luneta do pai quando era criança. O que era para observar a praia, as ilhas e a Lua logo virou instrumento de uma diversão maior: ver de perto a vida privada da vizinhança. E quão longe dava para enxergar, percebeu. O menino cresceu, e com ele a perspicácia de suas observações. De seu apartamento, assiste às cenas de um cinema mudo entre as cortinas de outras tantas janelas abertas. Detalhes da rotina de um desconhecido. De vários deles. A intimidade de quem não sabe que está sendo visto. O universitário G.N., 25 anos, conta como adquiriu o hábito de observar o comportamento das pessoas.

G.N. • Como eu nunca tive imagem com som, eu percebo só a imagem. Isso na verdade estimula mais, porque você não ouve, você imagina, constrói uma história.

ZERO • Se você visse uma agressão qual seria o seu comportamento?

G.N. • Olhar. Depende do tipo de agressão. Se forem dois rapazes que moram juntos brigando entre eles não tem o que fazer. Eu confesso que eu não sei o que eu faria se eu presenciasse um assassinato ou alguma cena que pudesse parecer um assassinato. Eu vejo numa janela duas pessoas brigando, de repente alguém puxa alguma coisa que pareça ser uma arma e eu ouço um estalo, daí a briga pára. Eu sinceramente não sei o que eu faria. Se eu chamaria a polícia - e daí como eu explicaria que estava vendo - ou se eu não faria nada.

ZERO • E se você assistisse a um homem agredindo a mulher?

G.N. • Eu acredito que não faria nada. No momento em que você está olhando pela luneta você está na posição de observador. Se eu estou na janela do meu quarto e vejo uma coisa acontecer aqui embaixo, sem telescó-

pio nem nada, eu posso até gritar com a pessoa, interferir. Com a luneta eu me coloco numa posição apenas de observador, que não quer ser visto, nem participar ou influenciar na cena. Até por que, todo voyeur prefere esconder o equipamento. Não deixa a luneta ou telescópio à vista porque não quer ser reconhecido. Não é nem por medo de preconceito. O que ele não quer é que as pessoas tenham precaução.

“Você tem aquela sensação de que está olhando. É como se você estivesse falando baixinho: eu vejo você. Não considero que seja uma coisa pervertida. Não muito.”

ZERO • Como você reagiria se soubesse que alguém está te vendo?

G.N. • Eu ficaria surpreso. Não acho que a minha vida privada seja tão interessante, mas como eu vejo a vida privada dos outros... Eu ficaria curioso, mas não ofendido. Curioso pra saber quem é, o que a pessoa viu e mais, o que ela interpretou de tudo que viu. Lógico que eu não gostaria. Não sou exibicionista.

ZERO • Você já teve vontade de ter câmera de vídeo pra filmar?

G.N. • Não, porque a minha

diversão é ver em tempo real. É estar em um lugar acompanhando alguma coisa que acontece em outro lugar sem equipamento eletrônico, sem nada. Sinceramente, se eu gravasse não sei se eu assistiria em casa. Por exemplo, meninas saindo do banho. Para ver mulher pelada eu compro uma revista masculina e vejo. O interessante é estar vendo aquilo no momento. Se não é mais o momento, pra mim perde a graça.

ZERO • Você acha que o que faz é invasão de privacidade?

G.N. • É uma invasão de privacidade, mas uma invasão de privacidade que eu não consigo ver como crime porque eu estou dentro

do meu apartamento, da minha janela e vejo alguém através da janela aberta da outra pessoa. Eu não criei a situação de ver essa pessoa. Ela tem a opção de fechar a janela ou a cortina. Eu não montei e nem alterei o cenário. Eu tenho a minha luneta e quando eu vejo essa pessoa estou agindo dentro da minha liberdade e não acho que esteja interferindo na liberdade da outra pessoa.

ZERO • E o que seria invasão de privacidade?

G.N. • Eu estaria ferindo essa

liberdade se eu estivesse vendo através de uma parede, quebrasse a janela para poder ver, colocasse uma escuta ou alguma coisa assim. Mesmo colocar o ouvido na parede não é invasão. Se eu estou dentro do meu apartamento, a parede é minha e se o som passa, eu não tenho culpa. Qual seria a diferença entre eu colocar o ouvido na parede e ouvir o que a pessoa está falando, e a pessoa falar um pouco mais alto e eu ouvir normalmente? Ela que me dá condições de ouvir o que está sendo dito, da mesma forma que a pessoa que está ali embaixo trocando de roupa com a janela aberta está me dando condições de vê-la.

ZERO • Filmar já seria uma invasão?

G.N. • Ai já é mais complicado. Imagine que ao invés de estar vendo com o telescópio eu estou filmando uma pessoa, exatamente nas mesmas condições. Eu também não criei essa situação, ela existe, e depois eu assisto a imagem na minha casa. Até aí eu não vejo diferença alguma. Eu estava vendo em tempo real e depois assisto de novo. No momento em que a gravação sai da minha casa é mais complicado. Agora vamos pensar que eu filmo uma situação constrangedora no apartamento e mostre pra todos os meus amigos, ou que eu filme uma situação constrangedora na rua e mostre pra todos os meus amigos. Qual é a diferença? A pessoa estava dentro da sua casa, mas estava dando condições da mesma maneira que uma pessoa andando tranqüilamente na rua. Eu poderia estar invadindo a privacidade da pessoa que está na rua, mas aí não seria exatamente um voyeurismo.

ZERO • O voyeur não tem intenção de interferir na cena e nem se aproveitar da cena, a não ser que seja pelo próprio prazer?

G.N. • É o que eu acho. Se você tentar se aproveitar de alguma coisa que você viu, está fazendo algo além do voyeurismo, mas aí já é uma questão de caráter, não do hobby em si. Satisfazer a curiosidade, ter o sentimento de estar presente, ser um observador nesse sentido é ser voyeur. O clichê é um tarado que fica na janela vendo um casal fazendo sexo, mas eu acho que é mais amplo que isso. A pessoa pode ter um tipo de gratificação pessoal, sem interferir na cena, e sem ser notado.

NATURISMO

Galheta para todos os gostos

Adeptos do naturismo, pescadores e poder público discutem regulamentação da prática

LUANA RECH

“Só volto à Galheta se for acompanhada de um amigo”. Enquanto descia uma das trilhas que dão acesso à praia, A.A.M., de 17 anos, foi puxada pelo braço por um homem que vestia apenas camiseta. Ficou com medo de voltar ao local, mesmo acompanhada por amigas. Já L.P., de 21 anos, estava na areia quando percebeu que um homem fazia-lhe gestos obscenos. Foi embora da praia imediatamente.

O desrespeito demonstrado por alguns visitantes – presente nos episódios acima descritos – associado às brigas entre naturistas e pescadores da Praia da Galheta levaram o vereador João Batista Nunes, do PDT, a encaminhar à Câmara Municipal de Florianópolis o Projeto de Lei nº 10.459/2003. O texto determina a suspensão do naturismo na região. Frequentada por adeptos há cerca de 30 anos, a Galheta é a única praia de Santa Catarina onde a prática é permitida por lei municipal (CMF 195/97) – a maioria dos locais próprios para o naturismo são resguardados apenas por decreto.

Sendo a nudez não obrigatória, a área é compartilhada entre praticantes e pescadores, e o atrito proveniente dessa mistura cultural causa desentendimentos. Para o vereador João Batista, o projeto de lei que suspende o naturismo na Galheta é uma manifestação de solidariedade aos pescadores artesanais. “O projeto não tem nenhuma posição radical em relação ao naturismo, mas revê a forma como está sendo praticado, sem responsabilidade e sem segurança para os frequentadores”, explica.

De acordo com o presidente da Associação dos Pescadores da Galheta, Amaro Romão Floriano, a não povoação da região, que pertence a uma área de preservação ambiental (veja infográfico), pode ser um facilitador para a prática de atos sexuais na Galheta. “A comunidade da Fortaleza da Barra da Lagoa se sente inibida de frequentar a praia”, diz. Durante a audiência pública realizada em dezembro do ano passado, para discutir o projeto de

lei, Floriano sugeriu que fosse implantada uma área limitada para os naturistas, com policiamento, e vigiada pelos órgãos competentes.

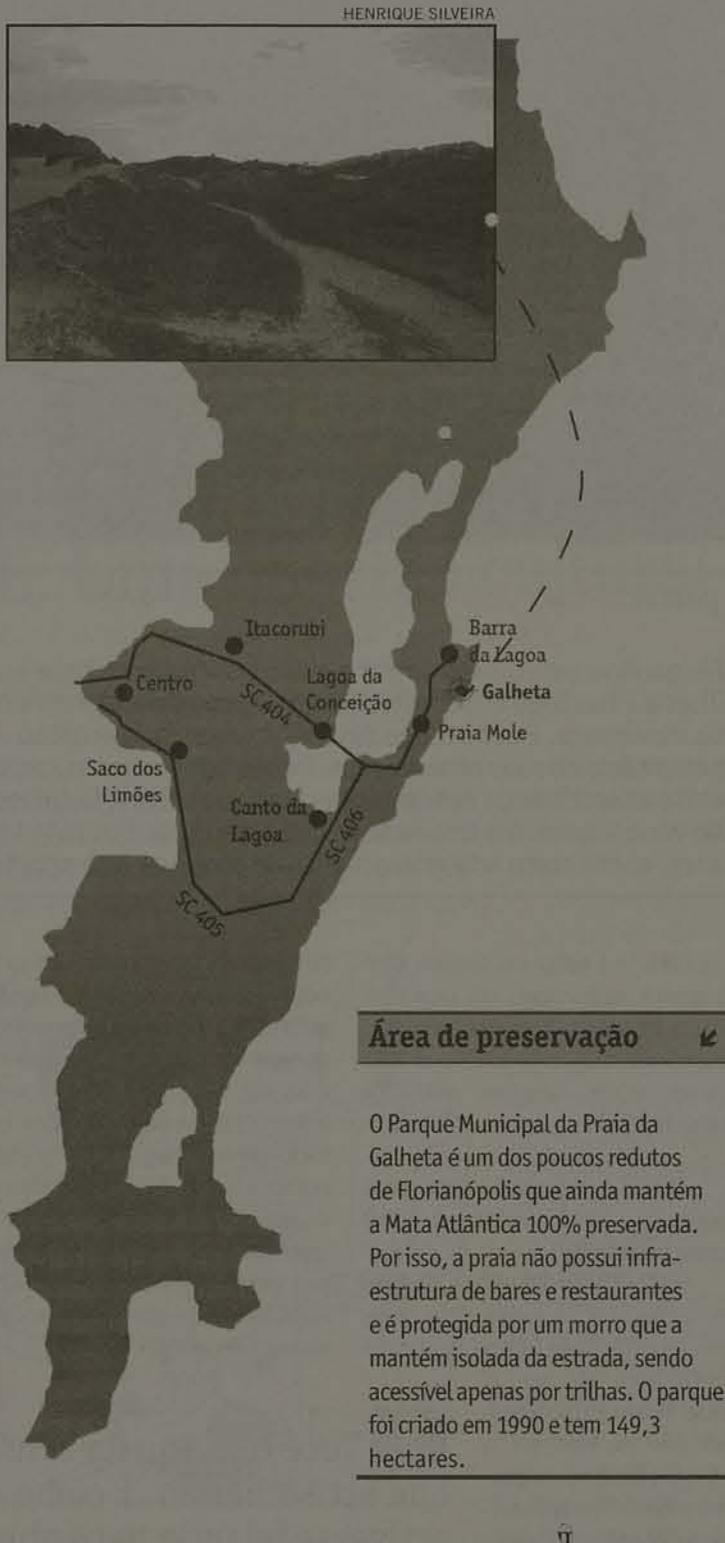
Existe um Código de Ética (veja box) que deve ser aplicado e fiscalizado pelas associações naturistas. Na região, a Associação Amigos da Galheta (AGAL) é responsável pelo cumprimento das normas. Para a secretária da AGAL, Mara Rejane Freire, devido à extensão da praia, é impossível fazer um monitoramento de tudo o que acontece.

A associação defende que seja feita uma normatização em parceria com o poder público, e não uma proibição da prática. Em relação aos pescadores, Mara diz que não há hostilidade por parte dos naturistas, e sabe que o choque entre as diferentes culturas pode causar constrangimentos. “Buscamos, então, um entendimento pacífico”, ressalta.

Policiamento

A AGAL reconhece que há problemas, principalmente na área da segurança. Mara garante que a Polícia Militar (PM) não atua no local. Segundo ela, nem mesmo na alta temporada há salva-vidas na praia. “Em caso de acidente, são os voluntários da praia Mole que nos socorrem”, conta. O capitão Carlos Araújo Gomes, da 3ª Companhia da PM, que atende o leste e o sul da Ilha de Santa Catarina, afirma que, no verão, uma base operacional é ativada na Praia Mole, e o efetivo faz rondas a pé na Galheta e nas trilhas de acesso. Também, segundo ele, não há registros significativos de ocorrências de atentado ao pudor ou perturbação na Galheta.

O próximo capítulo do caso está marcado para o dia 7 de dezembro. O projeto de lei que proíbe o naturismo na Galheta aguarda nova audiência pública, a ser realizada nesta data, mas que talvez não aconteça. Está confirmada uma reunião entre os pescadores e a AGAL para resolver a questão. Se as duas partes chegarem a um acordo, o projeto de lei pode ser arquivado.



o que é naturismo?

De acordo com a Federação Internacional de Naturismo, é “um modo de vida em harmonia com a natureza, caracterizado pela prática do nudismo em grupo, que tem por intenção favorecer o auto-respeito, o respeito pelo outro e o cuidado com o meio ambiente”. O naturismo é regido por um Código de Ética, que deve ser aplicado pelas associações. Práticas sexuais, atos obscenos, propostas de caráter sexual e atitudes inconvenientes podem levar a expulsão e proibição de retornar ao local da prática. Não são permitidas filmagens e fotografias dos naturistas sem autorização. O naturismo moderno surgiu no início do século 20, na França e na Alemanha. No Brasil, os primeiros passos foram dados pela atriz Dora Vivacqua, que, em 1949 criou o “Partido Naturalista Brasileiro”, e em 1954, o “Clube Naturista Brasileiro”. O reconhecimento nacional da prática começou quando, em 1984, a capa da Revista Manchete trouxe uma matéria sobre os naturistas da Praia do Pinho, em Camboriú. Atualmente existem no Brasil cerca de 300 mil naturistas espalhados por todo o país, nove praias oficiais e alguns clubes.

DIREITOS

Privacidade é garantida por Lei de Direito Autoral

TIAGO AGOSTINI

Imagine-se escrevendo uma autobiografia. Lá pela metade da história, você resolve contar seus segredos mais íntimos, sejam quais forem as características deles (a história é sua, não se esqueça). Finalizado o documento, você o guarda de maneira segura, com uma indicação para que aquilo só seja revelado ou publicado 50 anos após sua morte. A intenção é preservar a intimidade dos envolvidos nos casos relatados. Só que, por obra do acaso (ou por sacanagem, mesmo), o arquivo é descoberto e as informações vazam. Desesperador, não?

Para o diretor do Departamento de Propriedade Intelectual da Universidade Federal de Santa Catarina, Luiz Otávio Pimentel, esta é a única maneira de se ferir a privacidade de alguém ao desrespeitar a Lei de Direitos Autorais – que define os direitos que o autor de uma obra possui sobre ela, tanto morais como patrimoniais, além de prever os mecanismos para fazê-los valerem.

Pela Lei de Direitos Autorais, o autor tem a opção de manter a obra inédita e não é obrigado a registrá-la. O registro é feito, no caso de pessoa física, com uma cópia da obra, da identidade e do CPF do autor, o preenchimento de um formulário de duas páginas e, claro, o pagamento de uma taxa. Os valores ficam entre R\$ 20,00 e R\$ 80,00. Em Florianópolis, basta ir ao Escritório de Direitos Autorais no prédio da Reitoria da Universidade do Estado de Santa Catarina, no bairro Itacorubi. Qualquer dúvida é só entrar no site www.udesc.br/udesc/eda.

E no caso da autobiografia proibida que foi publicada? O que acontece com os culpados pela divulgação imprópria? Indenização para o autor e o recolhimento de todos os exemplares da obra que estejam em circulação. “Quando é muito difícil estabelecer a indenização, costume multiplicar o valor do exemplar que está sendo vendido por três mil”, explica Pimentel.

ÁLCOOL E DROGAS

Anonimato protege integrantes de AA e NA

Sem revelar a identidade, dependentes químicos falam de seus problemas durante as reuniões dos grupos

MARINA GAZZONI

"Sou uma alcoólatra em recuperação e só por hoje não bebi". Foi assim que Neusa iniciou seu depoimento, em uma reunião do grupo Agrônômica de Alcoólicos Anônimos, em que compartilhou com trinta companheiros as consequências de sua última recaída no álcool. Ela perdeu o emprego de cozinheira quando a dona do restaurante reconheceu os sintomas da dependência. Apesar dos tremores nas mãos, negou que tivesse problemas com álcool. "Fiquei com medo de minha chefe pensar que eu poderia mexer nas bebidas do restaurante ou que faltaria o serviço por ressaca".

Histórias como a de Neusa fazem parte do cotidiano dos 27 grupos de Alcoólicos Anônimos (AA) e catorze de



HENRIQUE SILVEIRA

O GRUPO DE AA Tranquilidade, criado em 1970, faz reuniões diárias

Narcóticos Anônimos (NA) existentes na Grande Florianópolis. Durante as reuniões, os participantes deixam de lado a privacidade e falam sobre todos os pro-

blemas causados pelo consumo de álcool e drogas.

Felipe participa de reuniões diárias no AA desde 2004 e acredita que conhece a vida pessoal de alguns

companheiros do grupo mais do que os próprios familiares. "Diferente do bar, onde se conta muita mentira, aqui no AA falamos a verdade absoluta, por mais cruel que ela seja", compara.

O anonimato garante que as experiências relatadas e a identidade dos participantes não se espalhem fora das reuniões, e está previsto nos princípios básicos, tanto dos Alcoólicos Anônimos. A medida evita a exaltação de pessoas ligadas às organizações e a identificação dos integrantes pela sociedade.

Para não voltar a consumir cocaína, maconha e anfetaminas, Caroline segue o programa de recuperação do Narcóticos Anônimos desde julho. Mesmo com o apoio familiar, apenas três

amigas, colegas do curso pré-vestibular, sabem que participa das reuniões do NA. "Não vou ficar espalhando que tenho problema com drogas", ressalta a estudante.

histórico

O Alcoólicos Anônimos foi criado em 1935 e hoje possui mais de dois milhões de membros em 150 países, com seis mil grupos no Brasil. Em Santa Catarina, há 230 grupos registrados, 27 deles na Grande Florianópolis. A partir de uma adaptação dos princípios do AA, em 1953 foi fundado o Narcóticos Anônimos. Atualmente, conta com mais de 50 grupos em Santa Catarina e 14 na Grande Florianópolis.

ATRÁS DAS GRADES

Fiscalização evita contrabando para presos

Medidas de segurança impedem que familiares levem drogas e armas para dentro de penitenciária

ÉRICA GEORGINO

Simone Pereira de Lima viajava com o marido em maio do ano passado quando percebeu que o carro era seguido por uma viatura policial. Grávida de dois meses, desconhecia que o marido se aventurava pela primeira vez no tráfico de drogas. Os policiais encontraram narcóticos escondidos no veículo, e o casal foi preso em flagrante. Simone ficou reclusa no presídio feminino de Florianópolis até os seis meses de gestação.

Desde que foi solta, em setembro do ano passado, ela frequenta a Penitenciária Estadual de Florianópolis, onde o marido cumpre pena de quatro anos. Todos os 933 reclusos têm direito à visita, em dia e turno fixos, estabelecidos pela Casa da Revista, seção da Penitenciária responsável pela fiscalização. Conforme informações da direção, fornecidas em meados de setembro, cada preso pode receber até três familiares por data marcada.

Simone cumpre sempre o mesmo ritual: chega, pega a senha de atendimento e já começa a tirar anéis, correntes, pulseiras e brincos. O procedimento evita que os objetos virem moeda de troca entre os presos. Ainda segue a norma de calçar chinelos do tipo havaiana e aguarda cerca de quinze minutos. Quando é chamada, os funcionários da Casa

da Revista abrem todas as embalagens dos alimentos que ela traz para o esposo. A medida previne que drogas ou armas sejam inseridas nos pacotes e dentro dos alimentos.

Revista Íntima

Antes de visitar o parente preso, o familiar fica nu em uma sala reservada, se agacha de pernas abertas sobre

um espelho posto no chão e fica de costas para um outro espelho, encostado à parede. Nesta posição, um funcionário da penitenciária, do mesmo sexo do revistado, observa se há objetos introduzidos no ânus e/ou vagina.

Simone conta que, em uma das vezes em que esperava pela revista, conversou com uma mulher que já fora



ARTE: TICIANI AGUIAR

normas da penitenciária de Florianópolis

- Para poder visitar o preso, o familiar tem que fazer um cadastro para obter a carteira de visitante, mostrando comprovante de residência, documento de identidade e foto 3x4. Também é necessário comprovar parentesco de primeiro grau;

- O visitante não pode entrar com piercings, anéis, brincos;

- Para a revista íntima, as mulheres não podem estar em período menstrual;

- Os presos são proibidos de receber livros com enredo policial ou pornográfico;

- Todas as embalagens de alimentos são abertas e a comida é despejada em sacos plásticos transparentes. Os familiares podem levar, no dia da visita, até dez itens de uma lista que contém quantos e quais produtos podem ser deixados para o preso;

- As cartas endereçadas aos presos são analisadas e, se a Casa da Revista julgar necessário, são abertas, lidas e possivelmente retidas.



barrada com drogas dentro da vagina. Funcionários da penitenciária relatam que, recentemente, um homem foi flagrado com um isqueiro introduzido no ânus. Líderes religiosos que fazem visitas rotineiras à penitenciária não são revistados. Advogados também não, mas passam pelo detector de metais.

A cabeleireira Tânia Regina Machado ainda não conseguiu visitar o filho, preso há cinco meses. A carteirinha de visitante ela já tem faz tempo, mas se diz despreparada para a revista. "Todo ano você tem que passar pelo médico ginecologista, ser examinada, e já fica morrendo de vergonha". Simone explica que, no início, passar pela revista íntima era constrangedor. No dia oito de dezembro do ano passado, ela visitou o marido na tarde de quinta-feira, passou pela revista com o barrigão de nove meses e, à noite, foi para a maternidade dar à luz um menino.

MEDICINA ÍNTIMA

Invasores, constrangedores, necessários

Entenda por que certos exames deixam homens e mulheres suando frio nas salas de espera dos hospitais

VITOR HUGO BRANDALISE

A paciente já tirou saia e calcinha. Já subiu na cama e já apoiou cada um dos pés nas alças de metal que ficam nas laterais do leito. Quase tudo pronto, falta um último detalhe: para melhor visualização, a enfermeira liga uma lâmpada de 60 watts, posicionada a três palmos da genitália da mulher. Agora sim, vagina exposta e bem iluminada, o exame *Papanicolaou* pode começar.

“É desconfortável, frio, alguém abrindo você em lugares que você não quer que sejam abertos naquele momento”. Camila, 21 anos, estudante de História da Universidade Federal de Santa Catarina, é do time das que não aprecia o tal exame. Ela sabe, porém, da importância do *Papanicolaou* na prevenção do câncer de colo do útero (veja box). A enfermeira especializada em ginecologia do Hospital Universitário Silvana Pereira salienta a necessidade do exame pelo menos uma vez por ano desde o início da vida sexual da mulher. “90% dos casos de câncer de colo de útero estão associados ao HPV (Papiloma Vírus Humano), transmitido sexualmente”, explica.

Com boa visão da vulva, a enfermeira afasta grandes e pequenos lábios e introduz no canal vaginal o espéculo – instrumento metálico que lembra o bico de um pato e mede 15 centímetros de comprimento por 5 de largura. Uma pequena manivela na lateral do instrumento possibilita à enfermeira a abertura do canal. Quatro giros são o suficiente. “Sim, você sente tudo sendo aberto”, diz Camila, balançando a cabeça. “É claro que não há prazer”, ela franze a testa, uma leve irritação nos olhos.

O próximo passo é a raspa-



UROLOGISTA Osvaldo Vieira ensina como fazer o Toque Retal

gem do colo com uma espátula semelhante a um palito de sorvete, mas com 20 centímetros de comprimento (o instrumento atinge, porém, cerca de 10 centímetros). Um giro de 360° da espátula no colo do útero e todas as células que necessitam ser examinadas caem no canal cervical.

A paciente sente um leve desconforto quando outros 10 centímetros, desta vez de uma escovinha, são introduzidos no canal vaginal. Assim, a enfermeira retira as células que serão analisadas pelo patologista. Cerca de 10 minutos após o início do processo, retirados a escovinha e o espéculo – depois de girar a manivela com cuidado, para não beliscar as paredes da vagina –, o exame acaba. A enfermeira apaga a lâmpada, a paciente fecha as pernas. “Não machuca. Depois

números gerais

O câncer de colo do útero é o segundo mais comum entre mulheres no mundo, com cerca de 470 mil casos diagnosticados todos os anos. No Brasil, a estimativa para 2006 é de que 20 mil mulheres contraiam a doença. Quase 80% das incidências podem ser evitadas se o câncer for diagnosticado precocemente através do exame de Papanicolaou.

FONTE: INSTITUTO NACIONAL DO CÂNCER

VITOR HUGO BRANDALISE



NA POSIÇÃO e com a iluminação correta, a paciente está pronta para começar o exame *Papanicolaou*

you não sente nada, o pior é o desconforto na hora”, relembra Camila, que fez seu último *Papanicolaou* no começo do ano.

A vez dos homens

Se o *Papanicolaou* faz as mulheres perderem o sono na noite que antecede a consulta, o exame que assombra os homens acima dos 45 anos se equipara no quesito constrangimento. É o temido TR, o Toque Retal.

Primeiro, o doutor conversa com o paciente, que geralmente está nervoso. “Converso antes para explicar o que farei e a necessidade do toque,

a melhor maneira de detectar anomalias na próstata”, diz Osvaldo Vieira, urologista há 41 anos, cabelos grisalhos, dente de ouro e 9 centímetros de dedo indicador direito.

Resignado, o paciente segue a sugestão do doutor, que prefere a posição ginecológica. Tira a calça, sobe na cama. Deita-se, afasta as pernas e dobra os joelhos, deixando os pés suspensos para fora do leito. Sente o ânus completamente exposto. O doutor besunta o dedo indicador direito com gel lubrificante e força a entrada. O treinado indicador do médico procura a próstata, que fica pouco abaixo da bexiga. A glândula, quando saudável, tem o tamanho de uma azeitona e a consistência da ponta do nariz humano. Em menos de um minuto no reto do paciente, o doutor já sentiu a consistência da próstata. A consulta dura cerca de 15 minutos. “Muitos levam numa boa. Se alguém se nega a fazer, geral-



ESPÉCULO, espátula e escovinha prontos para o exame

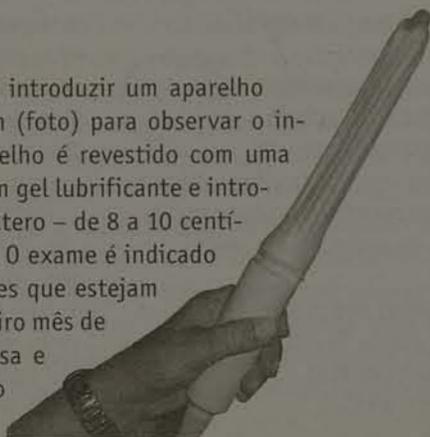
mente são os mais velhos, mas isso também tem diminuído”, diz o urologista.

Se estiver tudo bem, nenhum nódulo mais rígido será encontrado. Caso contrário, o paciente provavelmente fará parte de uma estatística alta na região Sul. Um estudo do Instituto Nacional do Câncer (Inca) mostra que o risco estimado de câncer de próstata em 2006, nos estados do Sul, é de 68 em cada 100 mil homens, a maior média do Brasil. A mortalidade, no entanto, é relativamente baixa. Segundo o Inca, isso se deve ao sucesso dos exames preventivos.

outros exames constrangedores

Ultra-som transvaginal: parece, mas não é...

O exame consiste em introduzir um aparelho leitor de ondas ultra-som (foto) para observar o interior da vagina. O aparelho é revestido com uma camisinha, besuntado com gel lubrificante e introduzido até a entrada do útero – de 8 a 10 centímetros dentro da vagina. O exame é indicado como rotina para mulheres que estejam entre o primeiro e o terceiro mês de gravidez ou na menopausa e também para a detecção de cistos e miomas.



Espermograma: masturbação sem prazer

O objetivo do exame é analisar o esperma do paciente para avaliar a fertilidade masculina. Para que o material esteja comprovadamente fresco, o paciente deve se masturbar e ejacular ali mesmo, no laboratório. Vídeos ou revistas eróticas são oferecidos aos pacientes. No Hospital Universitário, sem melhores opções, o indivíduo deve se contentar com anúncios de lingerie de revistas comuns.

Coleta de seleção uretral: de trançar as pernas

Um instrumento de metal de 15 centímetros de comprimento com um algodão na ponta, chamado *Swab* (foto), é introduzido na uretra do paciente – o buraco do pênis – para detectar casos de infecção bacteriana. Sem anestesia. Segundo o técnico de laboratório do Hospital Universitário Francisco Fermiano, o exame só dói no momento da penetração do swab e quando ele dá uma “roçadinha” (movimento circular do instrumento dentro da uretra do paciente) com o algodão, para coletar as bactérias.

ASILO

Solidão não é companheira da velhice

Ambientes coletivos espantam a depressão no Asilo Irmão Joaquim, onde a individualidade não faz falta

JÉSSICA MAIA

A divisão é simples: ala masculina e ala feminina. Pelos corredores, exala-se um misto de colônia de bebês e fraldas usadas. É um grande quadrado que contém de 8 a 10 quartos para cada ala. Há quem durma com mais duas pessoas, outros com uma e, os menos felizardos, sozinhos. Aqui, os quartos privados são só para os enfermos. Para cada ala, um lavabo coletivo para cinco pessoas nunca está lotado. Os banhos não são diários. Para alegria dos internos, a "tortura" só é feita três vezes por semana. Reunidos em uma sala de estar, os idosos do Asilo de Mendicidade Irmão Joaquim passam o dia vendo TV, descansando e conversando, na maioria das vezes, consigo mesmo. Na parede ao redor das camas, um adesivo marca os nomes de cada um e relembra aos que a memória vem traindo com maior frequência, os seus lugares.

Dona Terezinha (*) mostra com orgulho as bonecas com vestido de crochê que ela mesma fez. "Boa era essa época que minhas mãos davam conta de aprontar esses caprichos", recorda. Enquan-

to Dona Terezinha está aposentada do crochê, Sebastiana encontrou nele o seu passatempo e uma fonte de renda alternativa. Mas para

guém aqui tem dente ainda, né", explica a simpática senhora. Ela conta que divide o quarto com mais três "coleguinhas", e não vai para a

sempre no mesmo lugar, na sala de estar. Alternando o crochê nos panos de pratos com as palavras cruzadas, ela mantém a mente funcionando. No sofá ao seu lado, um pequeno desentendimento: "Ei, tu não sabe que aí é meu lugar, não?", indaga uma senhora com feição de enfazamento. Sem contrariá-la, a outra idosa se levanta e troca de sofá. "Essa daí é a mais ranzinza daqui. Se perguntar

cigarro sentado sozinho em um dos seis sofás da sala. Há doze anos (ou mais) vivendo no asilo, ele diz que ainda não se acostumou. "Prefiro ficar sozinho. Não preciso de amizade aqui dentro. Não gosto de ninguém, são todos uns velhos!", exclama o senhor de 72 anos que observa de soslaio os outros 20 colegas que passam o dia na sala de estar. Segundo ele, o isolamento foi a maneira que ele encontrou para manter um pouco de sua privacidade.

Mas Seu Orlando é exceção no Irmão Joaquim. Aqui a privacidade não faz falta. Para eles, o medo da solidão supera qualquer falta que a vida privada possa fazer. O conforto que o asilo lhes oferece é a melhor alternativa para eles. A maioria não possui outra escolha. "A Constituição regulamenta que os asilos são destinados aos idosos que não possuem nenhum familiar vivo. Aqui, essa não é a realidade. A maioria tem parentes vivos, mas eles nem sequer os visitam, nem no Natal, nem em aniversários. "É um depósito de seres humanos", relata a enfermeira responsável, Sandra Flores.

(*) Nomes fictícios



FOTOS: JÉSSICA MAIA

NAS MÃOS de Dona Sebastiana [acima], o crochê. Meio de satisfazer pequenos vícios, como comprar balas de banana.

O CONVÍVIO é o melhor momento para espantar a solidão



que essa senhora de 65 anos quer dinheiro em um asilo? "Ah... compro sacos de bala de banana ali no 'Um e nove e nove'. De banana, bem molinha, porque nin-

cama durante o dia, para evitar a solidão.

Devido a sua artrite, ela passa o dia com sua cadeira de rodas estacionada,

pra ela o porquê de estar maquiada aqui no asilo então...", previne Da. Sebastiana.

Atrás de sua cadeira de rodas, Seu Orlando fuma um

HOSPITAIS

Privacidade zero em quartos compartilhados

Pacientes internados com doenças físicas em hospital público têm mais chance de ter depressão

AUGUSTO KÖECH

Com a ajuda da irmã 14 anos mais velha, L.A. (*), de 51 anos, faz tudo: vai ao banheiro, levanta-se da cama, alimenta-se, toma seus remédios. Longe dela, "não sirvo para nada; estou morta", como ela mesma define. Internada no Hospital Universitário, do bairro da Trindade, desde setembro, L.A. se queixa de falta de força nos músculos e dificuldade para falar, sintomas da esclerose lateral miotrófica - doença degenerativa do sistema nervoso. Para L.A., entretanto, o maior desconforto não é com a dor, mas sim a incapacidade de fazer o que precisa sozinha e estar sempre dependendo da companhia de alguém. No seu último diagnóstico médico,

uma nova doença: depressão.

O que acontece com a paciente não é um caso isolado. Dados de uma pesquisa realizada pelo Laboratório de Estudos dos Transtornos do Humor (LETH) do Departamento de Clínica Médica da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) revelaram que, desde o ano 2000 até 2003, cerca de 30% dos 900 pacientes internados com doenças físicas no Hospital Universitário sofriam de depressão. Dependendo da escala metodológica aplicada, esse número chegava a até 50%. Na pesquisa, a perda da privacidade é uma das causas apresentadas pelos pacientes internados que desenvolveram depressão.

"Não é só ter a doença que é um fator estressante. Ela é

limitante, faz o paciente perder a autonomia e a auto-estima", explicou Letícia Maria Furlanetto, coordenadora do Departamento de Clínica Médica da Universidade Federal de Santa Catarina em uma recente entrevista para o site Unaberta. (www.unaberta.ufsc.br) da UFSC. "Normalmente, os doentes sentem dor, medo e vêem sua integridade física ser abalada. Quando são de fora de Florianópolis e não têm recursos financeiros, ao serem internados perdem o contato com a família, o que limita a rede de apoio social", completou a coordenadora.

Como acontece com J.F., de 22 anos, natural do Piauí. Ele, junto a outros cinco amigos, troca o estado natal por Florianópolis todo verão, em busca de emprego. Uma

grave doença, contudo, o impediu de dar continuidade a este projeto e o hospitalizou antes mesmo de começar a trabalhar, com endocardite infecciosa, doença causada por bactéria ou fungo e que afeta o coração. Por dividir o quarto com mais três pacientes e ir sempre acompanhado com uma auxiliar de enfermeira ao banheiro, não demorou muito para J.F., assim como L.A., começar a ter sintomas de depressão causados pela falta de privacidade. "Não estou acostumado com conforto, e a falta disso não me incomoda, mas não ter privacidade me incomoda e tem feito eu ficar para baixo, deprimido. Longe da família e em um hospital público é difícil se sentir bem".

(*) Nomes abreviados

causas

• A depressão é causada por um desequilíbrio químico no cérebro com origem em vários fatores como biológicos, sociais e psicológicos.

• Algumas pessoas podem ter uma predisposição genética. Por isso é importante saber se alguém na sua família tem ou teve a doença.

• Pessoas com padrão negativo de pensamento têm mais chance de desenvolver depressão.

• Algumas doenças, como cânceres, mal de Parkinson e Alzheimer podem desencadear a depressão.

• Situações extremas, como a morte de alguém querido pode contribuir para uma crise da doença.

• Nenhum desses fatores é conclusivo. No entanto, independentemente dos fatores de causa, a depressão é uma doença que precisa tratada.

MORADORES DE RUA

No olho da rua, aos olhos do mundo

A rotina de quem não faz cerimônia em dormir no banco da praça e escovar os dentes com água do mar



MORADOR DE RUA se mistura à paisagem da Avenida Hercílio Luz, dormindo sem conforto e privacidade

ROSALVO STREIT JR.

A paisagem da parte inferior da ponte Colombo Salles não é a mesma desde agosto, quando três gaúchos de Porto Alegre transformaram uma das vigas de concreto da obra em uma casa sem paredes. Banho, necessidades fisiológicas e alimentação, tudo à vista dos que circulam pela rua vizinha.

"Nossa privacidade está resumida à hora de dormir", diz o ex-servente Júnior Cechinel, 26 anos, ao mostrar onde ele e os colegas passam as noites: uma abertura na viga de sustentação coberta por roupas, cobertores e objetos pessoais.

Com o fim do casamento, Cechinel convidou André Leônico, 27, e Daniel de Brito Bobsin, 26, para abandonar Porto Alegre e buscar um novo lugar para viver, "longe da vigilância dos pais, da família e do trabalho". Os dez anos de amizade entre o trio foram importantes na hora de aceitar a proposta.

A mudança

De Porto Alegre a Florianópolis, a caminhada de dois meses incluiu destinos como Gravataí, Tubarão, Criciúma e Içara, percorrendo cerca de 800 quilômetros no total. Sem emprego fixo, a coleta de lixo para reciclagem é a fonte de renda dos três. "A gente prefere abrir mão da nossa segurança pra cuidar do nosso carrinho. Se dormirmos longe dele, seremos roubados", conta Bobsin. A jornada de trabalho de quatro horas por dia garante R\$150 semanais para cada um, quase o triplo do salário de servente de Cechinel.

Rotina organizada

O dinheiro paga o almoço e a janta dos três. A céu aberto, as refeições contam, geralmente, com arroz, feijão, batata frita ou cozida. Para a salada, uma lata de tinta cortada ao meio cozinha os legumes. Sobre a ausência de carne no cardápio, André é rápido na justificativa: "Se a gente também come carne? Lógico, mas só à noite. O negócio é economizar, né?" Bobsin, cozi-

heiro da equipe, garante que as tarefas são divididas, inclusive, na hora da comida. Enquanto ele prepara o arroz e o feijão no fogão a lenha improvisado, os outros dois lavam e descascam as batatas. "Já é tradição de família. Ninguém aqui deixa de comer bem para arrumar dinheiro pra fumar ou beber", orgulham-se. Nos finais de semana, o banquete é melhor: sopa, maionese e até peixe frito, feito na tela de arame usada como grelha.

Em virtude do pouco tempo em Florianópolis, os três não pertencem às estatísticas do projeto Abordagem de Rua, da Prefeitura Municipal. Dados oficiais do programa apontam um total de 98 moradores de rua atendidos em setembro, 90 homens e oito mulheres. Júnior, André e Daniel seriam incluídos na faixa etária com maior número de cadastros, a de 22 a 30 anos, participação de 43%.

Na mesma situação dos gaúchos, 53% dos atendidos pelo projeto são provenientes do Rio Grande do Sul, São Paulo, Rio de Janeiro ou Paraná. Naturais de

Florianópolis somam 18%. Dentro do estado, Blumenau, São Carlos e Lages perderam 26 habitantes para Florianópolis no mês passado, 27%. Já os estrangeiros respondem pela menor incidência, 2%.

As praças XV, Getúlio Vargas e Olívio Amorim e o Largo da Alfândega são os locais com maior número de pessoas sem teto. Sobre a perda de privacidade, a coordenadora do Abordagem de Rua, Irma Remor Silva, explica que isso é uma consequência natural. "Muitos têm dependência química e são discriminados. Não ligam para privacidade nenhuma".

Sobre a opinião de Irma, Júnior discorda e confessa sentir saudades da vida privada com os quatro filhos, do banho quente, das roupas limpas e do tempo de sobra para cuidados com higiene pessoal. Das mordomias da vida em Porto Alegre, nada sobrou. Banhos e lavagem de roupas são limitados aos chuveiros de alguma praça pública. Para escovar os dentes e fazer a barba, a saída é usar a própria

água do mar. "Tudo é questão de hábito e nós vamos tentando nos acostumar".

Os dois meses da caminhada não desanimaram o trio. A ideia é partir, em breve, para Palhoça ou alguma cidade vizinha, apenas com o carrinho e a cachorra Preta, o único dos três cães que sobreviveu à viagem. "Saúde eu vou sentir sempre, mas prefiro essa liberdade que eu conquistei agora".



REFEIÇÕES são improvisadas com a ajuda de uma tela de arame

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Paulo Sérgio, dez meses sem banho: "me sinto um porco"

VITOR HUGO BRANDALISE

Paulo Sérgio da Costa, 34 anos, morador de rua de Florianópolis, não toma banho desde janeiro. "De vez em quando pego uma chavinha, mas no chafariz não entro, não", diz. O mendigo também não usa desodorante - "nem sei mais o que é isso" - ou escova de dentes - "dentes? Que dentes?", sorri, mostrando os três incisivos amarelados que sobraram na arcada superior.

Mendigando desde os dez anos de idade, Paulo Sérgio diz que não se importa se todos os seus atos forem observados por quem passa pelo local onde mora, o Largo da Alfândega, no Centro da cidade. "A rua é meu moco, a minha casa, podem olhar".

O mendigo dorme sobre caixas de papelão em um beco coberto por um toldo, perto da antiga Alfândega. Passa o dia bebendo cachaça Rainha, R\$ 1,50 o litro. Para urinar, qualquer árvore ou cantinho vira banhei-

ro. Quando a

necessidade é defecar, Paulo Sérgio prefere utilizar os toaletes da rodoviária Rita Maria, sua vizinha de porta. "Me sinto um porco vivendo assim, mas fazer o quê?", diz, e coça o furúnculo de pus esverdeado que toma a parte direita de seu rosto.

Na faixa etária de Paulo Sérgio, existem outros 25 moradores de rua na capital conforme levantamento da Prefeitura. Uma das características dessas pessoas, segundo a assistente social Irma Remor, é a vinculação das vias públicas com suas próprias residências. O mendigo Paulo Sérgio parece confirmar a hipótese: "não ligo que me olhem, só não gosto quando me acordam. Você gostaria se alguém entrasse na sua casa e te acordasse?", diz, os olhos injetados, vermelhos de cachaça.

ROSALVO STREIT JR.



PAULO SÉRGIO

Eunice, usuária de crack: "Ainda vou me matar na rua"

Já faz dois dias que a usuária de crack, portadora do vírus HIV e moradora de rua Eunice Dias não dorme. Diz que de vez em quando bate nela um medo terrível de adormecer. "Quem dorme na rua, dorme e não sabe o que vai acontecer quando acordar", conta a mulher de 30 anos, que afirma já ter sido despertada com chutes na cara por um policial. Eunice vive essa rotina há quase dez anos.

A moradora de rua diz que saiu de casa para fugir das lem-

branças do filho, cuja guarda perdeu logo que a criança nasceu. "Depois disso perdi tudo, ainda vou me matar na rua", desabafa, segurando uma boneca de pano e um pote de massa de modelar, que guarda para dar ao filho. Por ordem judicial, Eunice só pode visitá-lo no orfanato uma vez por mês.

A educadora social do projeto Abordagem de Rua, Melissa Casagrande, no entanto, explica que a justificativa de Eunice para sair de casa é comum a vários moradores de rua. "Os outros problemas existem, mas o motivo é geralmente as drogas. Depois, eles fogem da realidade para não enfrentá-la", diz.

Eunice se inclui em uma estatística alta em Florianópolis: 80% dos moradores de rua são usuários de drogas, principalmente crack, segundo levantamento do Abordagem de Rua. Após a constatação de dependência, os técnicos encaminham os usuários para clínicas de tratamento. Os resultados, porém, ainda não são satisfatórios: dos 500 pacientes internados em 2005 - muitos reincidentes -, somente oito terminaram o tratamento. (VHB)

ILHA PARTICULAR

Avaliada em réis ou em reais, Ilha do Francês tem memória documentada

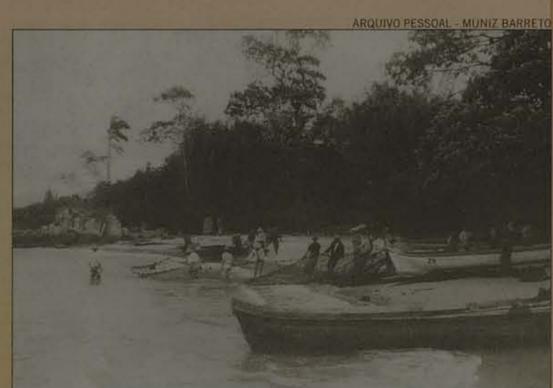
ÉRICA GEORGINO

O processo administrativo da Ilha do Francês é uma pasta de mais de dez centímetros de altura recheada de documentos carcomidos e embolorados, mapas desenhados à mão, folhas amareladas escritas em letra cursiva e, sobretudo, uma porção de nomes escritos em línguas diferentes citando pessoas de nacionalidades distintas que têm suas histórias cruzadas por um interesse específico: a "Ilhota", ou "Ilha do Francês", ou "do Argentino"... Enfim: Ilha do Francês.

Arquivado no Patrimônio da União (órgão vinculado ao Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão) de seção em Florianópolis, o processo administrativo da Ilha do Francês é como se fosse a linha do tempo desse pedaço de terra de quase 67 mil metros quadrados localizado ao Norte de Florianópolis, entre as praias de Jurerê e Canasvieiras. Reúne toda a documentação existente sobre quando foi ocupada, por quem e para quem foi repassada.

A informação mais antiga está em um documento de 1938 que alude a um outro, de 1884. Tratava da venda da Ilha por Manoel Veríssimo Corrêa e Vivencia Rosa Pinheiro a João José Monteiro, "pelo preço e quantidade entre eles ajustados de seiscentos mil réis (600\$000), em moeda corrente deste nosso Império".

Em seqüência, existem documentos que indicam a venda do imóvel em 1894 a João Ignácio Schroeder, que o vendeu em 1916 a Johan Edward Simonds e John Williamson, inglês que, em 1928, adquiriu



ANTÔNIO organizava pescarias na ilha para reunir os amigos

todo o local e com ele permaneceu até 1937. Foi quando um velejador admirou-se de tal forma com a beleza da Ilha do Francês que, ao chegar à Argentina, comentou com o colega Antonio Zacarias Muniz Barreto.

"Ilha do Argentino"

Antonio era argentino, filho de um diplomata brasileiro que se radicou no país vizinho em serviço ao Imperador D. Pedro II. Conheceu a Ilha do Francês e resolveu adquirir o direito à ocupação. Homem rico e viajado, dizia que Florianópolis era o lugar mais bonito que já vira.

Seu primogênito, "Antonio", anos mais tarde sofreria uma grave acidente de avião e usaria o local para repouso. Naturalizado brasileiro, é este filho de Antonio Zacarias que escreveu, em 1977, uma carta endereçada a um jornal catarinense, esclarecendo críticas a respeito da permanência do imóvel sob os cuidados de estrangeiros. "A proibição de entrar na ilha não se refere às praias nem às pedras visita-

das freqüentemente; se refere à ilha em si e é a mesma que qualquer pessoa tem na sua casa de praia não permitindo a entrada a estranhos. Aliás, no litoral de São Paulo e Rio de Janeiro existem inúmeras ilhas particulares, sem que seja motivo de preocupação a ninguém (...)"

A passagem é um recorte da memória de Laudares Capella sobre a família argentina. Ele era amigo de Antonio Zacarias e até hoje tem contato com os seus descendentes. É quem cede a foto da Ilha do Francês que ilustra esta reportagem. Um acervo de imagens foi enviado de presente pelo neto do amigo, Emílio Vicente Muniz Barreto, que descobriu as fotos por acaso e calcula que remetem aos anos 40.

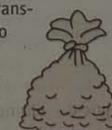
Sobre a Ilha do Francês, Emílio Vicente responde por e-mail, da cidade de Buenos Aires, que "é a quarta geração de Muniz Barreto que se ocupa de mantê-la e preservá-la, sendo que ela faz parte de nossas vidas, nossos antepassados e, se Deus quiser, de nossa descendência".

privacidade tem preço

O gerente regional substituto do Patrimônio da União, Niarcos Vall Thomaz de Almeida, explica que quem possui uma ilha oceânica não é exatamente proprietário. O indivíduo tem autorização para ocupá-la. Se houver necessidade de alguma destinação pública ao imóvel, a União pode retomar o local, cancelando o direito de ocupação.

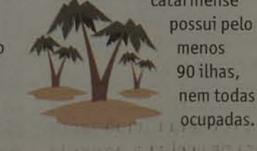
1. O ocupante paga anualmente uma "taxa de ocupação", no valor de 2% do imóvel.

2. Se o ocupante quiser transferir o direito de ocupação da ilha a outra pessoa, é pago à União o laudêmio: uma única taxa de 5% do valor do imóvel.



3. Apesar de ser conhecida por diferentes nomes, no registro dos documentos do Patrimônio da União é Ilha do Francês. Está avaliada em R\$ 1.069.120,50 pela instituição.

4. Um levantamento do Patrimônio da União indica que a costa catarinense possui pelo menos 90 ilhas, nem todas ocupadas.



FACULDADE

Geléia etiquetada e DVD reservado

Estudantes montam repúblicas para dividir gastos e criam regras para convivência em grupo

MARINA GAZZONI

Sair da casa dos pais para cursar o Ensino Superior faz parte da realidade da maioria dos alunos de graduação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). De acordo com a Comissão Permanente do Vestibular (Coperve), apenas 35% dos 3.920 aprovados no último processo seletivo da UFSC concluíram o Ensino Médio em Florianópolis. Isso significa que 65% dos calouros de 2006 mudaram-se para a Capital para estudar na UFSC, sendo que cerca de 1.200 estudantes vieram de outros estados. A consequência dessa migração de jovens é evidente nos bairros próximos à universidade, caracterizados pela grande quantidade de residências estudantis.

A necessidade de dividir as despesas com moradia é o principal motivo para a formação de repúblicas, que consistem em casas ou apartamentos habitados por universitários. A Moradia Universitária (MU) representa a rotina de estudantes que precisam definir regras para residir com amigos ou, até mesmo, pessoas desconhecidas. Com duas casas, a MU tem capacidade para abrigar cem alunos de graduação da UFSC, selecionados através de cadastro sócio-



AS 34 MORADORAS de uma das casas da Moradia Universitária dividem cozinha, lavanderia e banheiro

e econômico, com preferência para estudantes carentes.

Em uma das casas da Moradia, residem 34 meninas, divididas em quartos com duas a quatro moradoras. Para conviver melhor, elas se revezam na limpeza, no cuidado da horta, marcam com etiquetas de quem são os alimentos na geladeira e fazem reservas para utilizar máquina de lavar roupas e o aparelho de DVD. A estudante de Engenharia de Aquicultura Vanessa Andrade está na MU há mais de um ano

e considera a convivência dentro da casa uma oportunidade para fazer amizades. "Adoro morar com bastante gente, sempre tem com quem conversar", defende.

Quando as novatas se mudam para a MU, as veteranas fazem entrevistas para identificar afinidades e definir com quem elas dividirão o quarto. A escolha das companheiras de quarto baseia-se no estilo de cada estudante e na sua aptidão em respeitar as regras específicas de cada dormitório.

No quarto que Andreia Sebold, aluna de Matemática, divide com outras duas estudantes, as regras são claras. Após as 23h, a televisão deve estar com o volume baixo, quem chega tarde deve fazer pouco barulho para entrar e o namorado só pode dormir no quarto de visitantes. "Eu gosto de morar aqui porque não me sinto sozinha, mas às vezes sinto falta de privacidade", desabafou Andréia, que estuda na biblioteca da UFSC para se concentrar com o silêncio e gostaria de ter um quarto só para ela.

Para alguns, manter a individualidade é a melhor opção

Existem também estudantes que preferem morar sozinhos a dividir o apartamento com outras pessoas. O último censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) registrou 14 mil imóveis habitados por apenas uma pessoa em Florianópolis e aponta para um crescimento de residências desse tipo. Mesmo com um custo financeiro mais alto, morar sozinho garante privacidade e tranquilidade ao morador.

O estudante de Medicina da UFSC Jorge Luís de Moraes já dividiu um apartamento com um amigo em Pelotas (RS), mas preferiu morar sozinho quando se mudou para Florianópolis, para ter mais privacidade e por receio de morar com um estranho. "O melhor de morar sozinho é poder receber amigos em casa sem se preocupar se tem alguém que quer estudar, se a tua bagunça incomoda os outros ou ter que lavar a louça que alguém sujou", explica.

Para Moraes, a principal desvantagem é resolver sozinho todos os problemas do apartamento. Ele também sente falta de companhia nas horas das refeições e quando não tem muitas coisas para fazer. Como fica pouco tempo em casa, considera que os benefícios da privacidade superam as desvantagens da solidão. (MG)

MOTEL

Discrição e vigilância em nome do prazer alheio

Existem estabelecimentos em que o cliente escolhe o quarto por computador, sem precisar falar com a recepcionista

DAIANE FAGUNDES

Além da decoração, da higiene, das banheiras e dos brinquedos eróticos, quem procura um motel e quem o administra se preocupa também com outro detalhe: a discrição. Todos os funcionários são terminantemente proibidos de fazer comentários sobre o que vêem e ouvem ali dentro. Os motivos de não querer ser flagrado num motel variam: pode ser apenas por discrição; afinal de contas, ninguém precisa saber quando, onde e com quem uma pessoa decide fazer sexo.

Para evitar constrangimentos, os estabelecimentos precisam adotar medidas de segurança. A tecnologia e o treinamento

dos funcionários podem ajudar nessas horas. Além do atendimento computadorizado, onde o cliente escolhe o quarto sem precisar conversar com a recepcionista, alguns motéis possuem duas portas na garagem, uma de entrada para o quarto e outra que serve de acesso à camareira. Fernando*, 21 anos, passou por uma saída justa com a namorada. O casal encontrou a camareira na garagem, antes de entrar no quarto. "Na hora foi engraçado, mas se eu conhecesse a funcionária seria constrangedor".

Alguns motéis evitam situações como essa construindo os quartos com apenas um acesso pela garagem, exclusivo ao cliente. A entrada de serviço fica dentro do quarto, geralmente

escondida ou disfarçada por um espelho, e dá acesso ao corredor interno do motel por onde circulam os funcionários.

Um motel de Florianópolis, localizado no bairro Saco do Grande e gerenciado por Rose Gonçalves, além de acesso exclusivo ao cliente pela garagem, colocou sensores nas portas de serviço. Quando a porta está aberta é sinal de que há funcionário dentro do quarto. Nesses casos, no computador da recepção o número da suíte aparece em vermelho. Assim que a faxineira sai do quarto, a luz muda para verde e a suíte é liberada.

Na hora da saída, o valor das despesas do cliente é computado e o total aparece no monitor da recepção. Para

os que preferem pagar com o cartão de crédito, sem problemas ou constrangimentos, a nota emitida vem com o nome da razão social do estabelecimento, identificando o lugar com um nome fictício.

Intrusos

Alguns clientes morrem de medo de ser surpreendidos enquanto utilizam uma suíte de motel. A gerente Rose Gonçalves conta que inúmeras vezes chegam pessoas com desculpas pedindo para entrar no motel em busca dos filhos. Nessas horas é preciso jogo de cintura para convencer o visitante a ir embora e explicar que o motel não sabe quem está dentro de cada quarto.

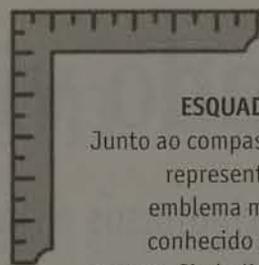
Outros visitantes, na procura de alguém no motel, alugam uma suíte e depois tentam procurar pelo carro. O estabelecimento, por questões de segurança contra assaltos e para evitar esse tipo de situação, instalou câmeras de vigilância que gravam o pátio. O sistema mostra quando alguém sai da garagem a pé e circula próximo dos outros quartos. Os gerentes ficam atentos e, nesses casos, alertam a pessoa da proibição de permanecer fora da garagem. Rose diz que nunca aconteceu de um falso cliente sair procurando por alguém já dentro do motel, mas algumas pessoas costumam ir ao pátio para atender o celular.

(*) Nome fictício.

caiu na web! conheça alguns símbolos maçons

COMPASSO

A maçonaria adota o compasso como um de seus grandes símbolos. É emblema de medida e justiça

**ESQUADRO**

Junto ao compasso, representa o emblema mais conhecido dos maçons. Simboliza a Equidade, Justiça e Retidão, e constitui a jóia do cargo de venerável Mestre, porque este deve ser o maçom mais reto e justo da Loja.

**AVENTAL**

É o símbolo do trabalho. É a parte principal do vestuário maçônico. Sua cor e desenhos variam de acordo com o grau e rito que representam.

**PEDRA BRUTA**

Simboliza a inteligência do Aprendiz maçom, ainda rude, que deve ser 'desbatada' para que ele adquira o conhecimento de simbolismo do seu grau e a interpretação filosófica.

**LETRA G**

Sétima letra do alfabeto maçônico. Chama-se gimel em hebreu. Em geral significa Geometria, Geração, Glória, Grande, Grão. No grau de Companheiro é o emblema misterioso que alude a Geômetra (Deus). Uma das razões de ser tomada como símbolo sagrado da Divindade, é que, com ela, a palavra Deus se inicia em vários idiomas. GAS em Siríaco; GADA, em persa; GUD, em sueco; GOTT, em alemão; GOD, em inglês. Há ainda os que defendem a idéia de a Letra "G" significa conhecimento, GNOSE do grego. Não o conhecimento científico, mas o conhecimento do "Ser".

“A maçonaria como uma escola iniciática preserva seus símbolos e cada um deles têm uma mensagem de moral, de ética, de comportamento. A maçonaria vive de símbolos.”

GETÚLIO CÔRREA

grão-mestre do Grande Oriente de Santa Catarina

SOCIEDADE SECRETA

Internet derruba mitos da Maçonaria

Para driblar a exposição, a ordem mantém as reuniões fechadas, deixando clara a diferença entre conhecer e fazer parte do movimento

JACY DIELO

Segredo que é segredo só existe se guardado por uma só pessoa. A maçonaria, que conseguiu a façanha de guardar alguns dos seus por muito tempo, agora já não é mais tão secreta assim. Nem mesmo ela foi capaz de resistir à Internet. Seus símbolos, gestos e rituais caíram na rede. Manter a privacidade que restou ao movimento virou mais uma das tarefas atribuídas aos seus grão-mestres.

De acordo com o grão-mestre da obediência Grande Oriente de Santa Catarina, Getúlio Corrêa, a Internet acabou com essa mística de que a maçonaria é "ruim", "secreta" e "escondida", mas também diminuiu a privacidade do movimento. "A Internet, hoje, traz informações excessivas. Antigamente você ia numa livraria e os livros de maçonaria estavam num canto, escondidos. Só quem lhe vendia eram livreiros que eram maçons, e mesmo assim, só depois de identificado

como tal".

Se agora a maioria das informações está ao alcance de qualquer pessoa, o que de tão importante a maçonaria escondia? Para o grão-mestre, antes existia a necessidade de ser uma entidade secreta porque, além de filantrópica, era muito política. Vários movimentos revolucionários nasceram dentro de lojas maçônicas, influenciados pelos ideais de Liberdade, Igualdade e Fraternidade (veja box). "Havia perseguições políticas e religiosas. A maçonaria também tinha problemas com a Igreja Católica, porque era contra o poder temporal e secular, e sua influência (da igreja) no Estado", explica.

Hoje, sem mais perseguições políticas e com mais de mil comunidades no site de relacionamento Orkut referindo-se a maçonaria, e aproximadamente 1,38 milhão de sites encontrados no Google, como se mantêm a discrição e a privacidade? O único jeito foi manter as reuniões

fechadas, apenas para os membros. "Essa privacidade é pra dar um pouco mais de liberdade para as pessoas que fazem parte da maçonaria se manifestarem sobre qualquer assunto sem que haja censura", argumenta.

Em uma democracia, garantir o direito de liberdade de expressão parece não fazer muito sentido. No entanto, o grão-mestre compara a maçonaria a qualquer outra entidade associativa. "É como em qualquer reunião de entidade associativa de que só os seus membros participam. Nas lojas maçônicas só entra quem é maçom".

Com os gestos, rituais e símbolos desmistificados na Internet e nos livros, qualquer um poderia se tornar maçom? O grão-mestre Getúlio Corrêa garante que não. "Se alguém quiser conhecer a maçonaria hoje vai ter acesso na Internet e nos livros. Agora, uma coisa é você conhecer a maçonaria, outra é você ser maçom. Há uma diferença muito grande entre ler e ser".

você sabia...

...que foram nas lojas maçônicas que se iniciaram as primeiras discussões sobre os movimentos de emancipação política no Brasil?

Revoluções – No interior das lojas maçônicas iniciaram as 'conspirações' em favor de movimentos como a Inconfidência Mineira (1788), as revoluções Pernambucanas (1817), a Confederação do Equador (1824), a Sabinada (1837) e a Revolução Farroupilha (1835-1845).

Independência do Brasil – A independência política já havia sido proclamada dentro de uma loja maçônica, em 20 de agosto de 1822, em assembleia geral da instituição. Não é à toa que a data tenha sido escolhida para homenagear a irmandade.

Abolição da Escravatura – A Lei Áurea (1888), assinada pela princesa Isabel, foi o resultado de um longo empreendimento maçônico. A maçonaria defende a igualdade entre os homens ao lado da Ciência, Justiça e Trabalho.

Personalidades – O Brasil já teve um presidente assumidamente maçom, Jânio Quadros. Outras personalidades de expressão na vida pública foram Benjamin Constant, Bento Gonçalves, Deodoro da Fonseca, Floriano Peixoto, Rodrigues Alves, Hermes da Fonseca, Wenceslau Braz, Washington Luiz, Rui Barbosa, Frei Caneca, Giuseppe Garibaldi.

Patrono recebe homenagem no bicentenário de nascimento

O ano de 2006 foi denominado, através do Decreto Estadual nº 3537 de 09.9.05, como o "Ano de Jerônimo Coelho". Em comemoração ao bicentenário de nascimento do catarinense de Laguna, foram lançados, na data do seu aniversário (30 de setembro), o Selo e o Carimbo Comemorativo em homenagem ao patrono da Maçonaria e da Imprensa.

Defensor das idéias liberais, Jerônimo Coelho foi quem fundou a Primeira Loja Maçônica de Santa Catarina, chamada Concórdia. Como participou ativamente do movimento maçônico em oposição a D. Pedro I, pedindo apoio à regência provisória, a maçonaria do Rio de Janeiro forneceu ajuda financeira para compra de um prelo e todo o material tipográfico

para a impressão de um jornal. Assim, retornou a Santa Catarina e fundou "O Catharinense". Em 1831, ano em que Jerônimo chegou à capital da província de Santa Catarina, Nossa Senhora do Desterro tinha 7207 habitantes, dos quais 2500 eram escravos: um ótimo local para expandir os ideais libertários da maçonaria.

"Ele veio pra cá com a intenção específica de fundar um jornal para proclamar os ideais abolicionistas e republicanos, e uma loja maçônica. Por que uma loja maçônica? Exatamente porque naquela época ela era tão secreta, que era o local ideal para reunir as lideranças

políticas e convencer a população da necessidade da abolição da escravatura e do movimento republicano", explica o grão-mestre Getúlio Corrêa.

Em Florianópolis, foi homenageado com um monumento na Praça XV de Novembro, com seu nome em uma das ruas centrais da cidade e com duas lojas maçônicas. Para reverenciar o catarinense, também será construído um Mausoléu na cidade. Enquanto a obra estiver em construção, os restos mortais do patrono da maçonaria serão transferidos de Nova Friburgo, onde faleceu em 1860, para o Palácio Cruz e Sousa.



SELO comemorativo

MONITORAMENTO

Não sorria! Você está sendo vigiado

Câmeras que monitoram ruas da capital inibem delitos, revelam criminosos e flagram atitudes ousadas

STENIO ANDRADE

Às 5h da manhã, uma jovem de mais ou menos 25 anos entra, sozinha, em um edifício residencial no Centro de Florianópolis e deita-se no sofá do hall de entrada. Em poucos segundos, desliza a mão sobre o decote do vestido preto e começa a acariciar lentamente os seios num movimento rítmico. Apoiadas no braço do sofá, as pernas comprime e escondem a mão que acabara de entrar pela saia. Excitada, a moça perde o controle: masturba-se sem se importar com o risco de ser flagrada no prédio onde moram dezenas de famílias. Do monitor na guarita do edifício, o porteiro assiste às cenas filmadas por uma das câmeras de segurança do condomínio.

O edifício é monitorado ininterruptamente por 14 câmeras. A protagonista da cena era apenas uma visitante desavisada que não sabia da existência do equipamento no hall de entrada, tampouco que as imagens eram transmitidas ao vivo para o computador do porteiro, onde ficam armazenadas durante três meses, em média. Embora sejam de modesta qualidade, as gravações permitem a identificação de vários detalhes, das pessoas e do ambiente. Os frequentadores do lo-



HENRIQUE SILVEIRA

A CRIMINALIDADE urbana caiu 57% nos últimos cinco anos, com a instalação das câmeras

cal são vigiados em quase todos os lugares do prédio – hall, garagem, elevadores, quadra de esportes e até mesmo na piscina. São os moradores abdicando da privacidade em prol da segurança

Há um bocado de anos, seria inacreditável pensar que até em condomínios existiriam câmeras de segurança, mas o aumento da criminalidade vem banalizando o uso de equipamentos eletrônicos servidos para prevenir e flagrar delitos, além

de inibir comportamentos indevidos. Câmeras tornaram-se elementos indispensáveis para bancos, shoppings, aeroportos e grandes empresas, além de monitorar lugares públicos, como ruas e praças.

Lojas de conveniência 24 horas, por exemplo, são inevitavelmente fadadas ao uso de monitoramento. Joel Paes, gerente de uma loja no Centro, ressalta que, desde que instalou os equipamentos no local, há dez anos, eles se tornaram impres-

cindíveis para a segurança. “Apesar de ter ocorrido apenas um assalto na história da loja, o monitoramento com certeza previne delitos, pois intimida qualquer ação criminosa”, explica. O gerente também conta que, graças à câmera externa, conseguiu auxiliar a Polícia na identificação de um bandido. Naquela noite, o equipamento filmou um sujeito que comprou um cartão telefônico na loja e, do orelhão ao lado, ligou para o assassino para encomendar o crime. “Verifiquei as gravações e forneci o vídeo à Polícia Federal, que prendeu o criminoso”.

O mesmo ocorre em bancos. É praticamente impossível que uma instituição bancária possa existir sem câmeras, segundo o gerente de uma agência do Centro da capital. Ele conta que muitos clientes – as contestam, alegando invasão de privacidade nos caixas eletrônicos. Para o gerente, isso não acontece. “Existe uma falsa percepção de que as câmeras violam o sigilo bancário, mas a posição estratégica delas evita que os dados sejam filmados”. Elas são utilizadas apenas para segurança, aliadas à prevenção e à descoberta de assaltos. Além do mais, acrescenta o gerente, o monitoramento visa atender às necessidades do banco e não dos clientes.

Nos bastidores do *Big Brother* Floripa

Em sua emblemática obra 1984, George Orwell relata uma sociedade extremamente vigiada pelo poder do Estado totalitarista. O governo observa permanentemente os cidadãos em toda parte, em locais públicos ou até mesmo dentro das residências, através de “teletelas” – dispositivos que filmam o cotidiano das pessoas. A metáfora de Orwell é exagerada, mas alguma coisa se aplica à realidade. Diante da atual insegurança urbana, cada vez mais as grandes e médias cidades monitoram ruas, praças e espaços públicos com câmeras de segurança.

Florianópolis é uma delas. A Polícia Militar da capital utiliza câmeras para monitorar diversos locais do Centro e alguns da região continental. Segundo o major Newton Ramlow, comandante do 4º Batalhão da PM e

responsável pelo sistema de monitoramento, elas filmam principalmente lugares de intenso comércio, onde há grande circulação de pessoas – como as ruas Felipe Schmidt e Conselheiro Mafra, a Praça XV de Novembro e a Avenida Hercílio Luz.

Para o major Newton, o sistema de monitoramento foi um grande avanço para a segurança da cidade. “Além de prevenir contra os possíveis assaltos, ajuda a solucioná-los quando eles acontecem.” Em torno de 30% a 40% dos crimes monitorados são resolvidos. Graças às filmagens, em 30 dias (entre agosto e setembro deste ano) a Polícia deteve 28 pessoas envolvidas em assaltos à mão armada no Centro. Desde 2001, quando as ruas de Florianópolis começaram a ser monitoradas, a criminalidade urbana caiu 57%. Naquele ano,

havia apenas duas câmeras. O sistema conta hoje com 54 analógicas no Centro e oito no Estreito.

As filmagens são transmitidas ao vivo nas telas da Central de Monitoramento da PM – localizada no Terminal Integrado do Centro (Ticen) – e armazenadas, em média, por 18 dias nos computadores. Ao flagrar um crime pelas câmeras ou quando alguém denuncia uma ocorrência que tenha sido gravada, a Central aciona policiais e viaturas próximas do crime. Muitas vezes, donos de estabelecimentos comerciais solicitam gravações à Polícia para descobrir assaltantes pelas filmagens. Mas como adverte a soldado Marisa Moreira, que trabalha na Central, “não se pode fornecer as imagens para qualquer um, pois é fundamental manter a privacidade dos indivíduos”.

HENRIQUE SILVEIRA



REGIÃO da Praça XV de Novembro e da Avenida Hercílio Luz (fotos) são áreas intensamente monitoradas para prevenção de crimes

segurança hich tech ↘

Para acompanhar os avanços tecnológicos, as empresas de segurança investem pesado no desenvolvimento e comércio de equipamentos eletrônicos. Câmeras, lentes, softwares, hardwares e diversos outros apetrechos são constantemente aperfeiçoados. O sistema mais comum em ambientes fechados como lojas e condomínios é o Circuito Fechado de TV (CFTV), que consiste num conjunto de câmeras que transmitem imagens ao vivo a um monitor de computador. As câmeras de segurança da PM, por exemplo, fazem filmagens de alta resolução, giram para todos os lados e podem aproximar as imagens cerca de 200 metros com nitidez. Pela internet, policiais podem assistir em tempo real tudo aquilo que a Central observa.

INDÚSTRIA DO SPAM

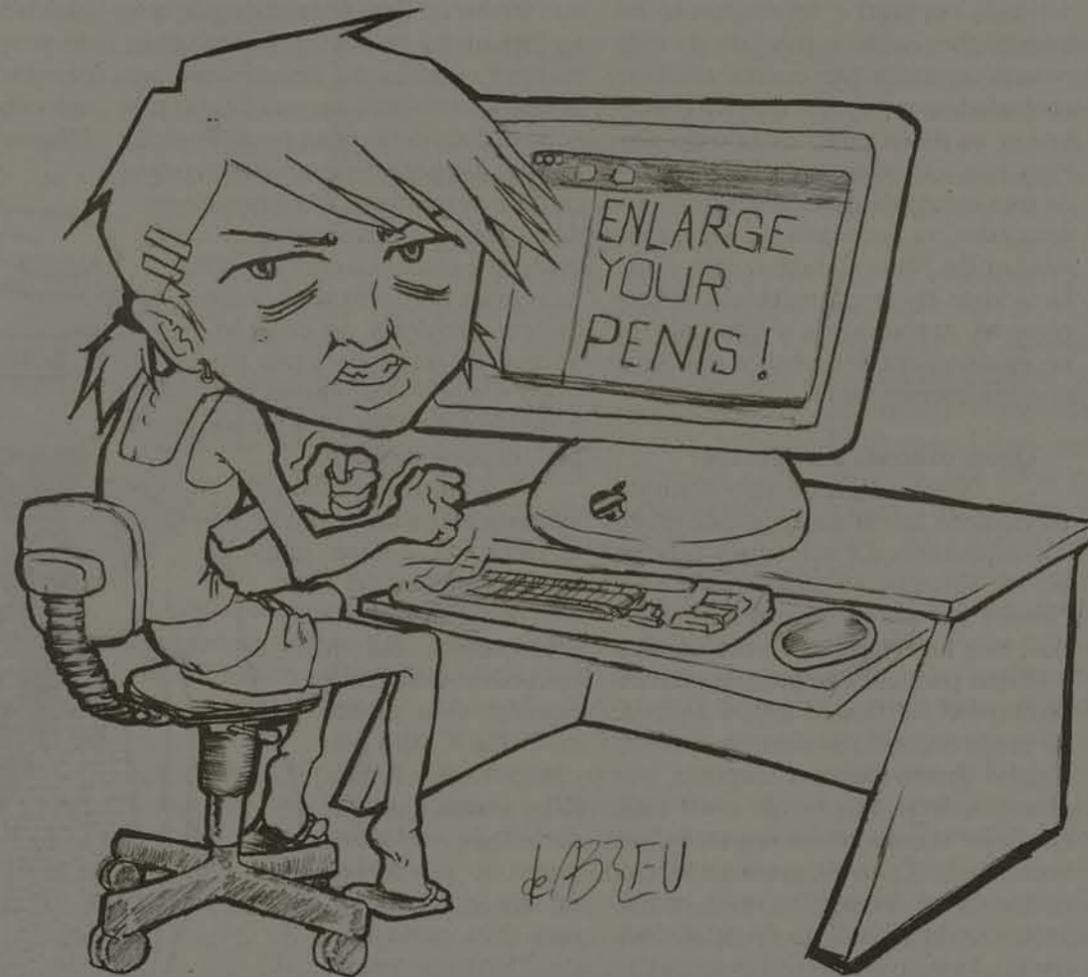
Milhões em lixo e retorno garantido

Ignorando filtros anti-spams, empresas mergulham em e-mails e apostam na curiosidade do homem

ROSALVO STREIT JR.

Quando, em 5 de março de 1994, os 600 usuários de um grupo de discussões virtual, denominado USENET, receberam uma mensagem com propagandas sobre uma loteria de Green Card, não imaginavam o que estava por vir. O primeiro Spam virtual foi apenas o início da avalanche de e-mails indesejados em caixas de entrada. Doze anos depois, essa invasão de mensagens atinge 70% dos e-mails ativos na Internet, fere a privacidade alheia e propaga correntes, boatos e golpes pela rede.

Uma das razões que explica o spamming (prática de enviar spams) é a lucratividade. Ao contrário das propagandas feitas por telefone, rádio ou televisão, o spam é fácil de enviar e tem custo reduzido. Há sites, por exemplo, que vendem listas de 25 milhões de e-mails por 35 reais. Com a relação em mãos, a operação é simples: basta enviar uma primeira mensagem para verificar quantos e-mails estão ativos. Depois do sinal positivo do proprietário da conta, o endereço eletrônico transforma-se em alvo fácil para o envio de todo o tipo de mensagem pelos spammers. Nesse caso, re-



cados publicitários são os mais enviados.

Estatísticas divulgadas pelo Idec (Instituto de Defesa do Consumidor) revelam que 10% de todos os usuários vítimas de spam realizam com-

pras através desse tipo de serviço. Já 31% dos curiosos clicam e acessam o site divulgado na mensagem recebida. Hábitos nocivos do próprio usuário alimentam a máfia de divulgação de spams.

No caso de empresas, a situação é mais complicada. Quando invadidos, servidores profissionais passam a ser usados como divulgadores desse serviço. Por serem menos vulneráveis, o ataque a esses servidores não é tare-

fa para amadores. "Isso demanda conhecimento técnico, conhecimento de possibilidade de erros, de sistemas e formas de ataque", explica Rafael Savi,

pesquisador do GeNESS (Geração de Novos Empreendimentos de Softwares e Serviços, incubadora de empresas de tecnologia da Universidade Federal de Santa Catarina). O resultado são sistemas sobrecarregados de spams, com rendimento insuficiente e prejuízos financeiros.

Mas nem tudo está perdido. Especialistas mais otimistas apostam na evolução tecnológica para bar-

rar os tão indesejáveis e-mails em massa. "A própria tecnologia vai controlar com eficácia a invasão dos spams. Essa é a tendência", afirma Aires José Rover, doutorando em Direito e especialista na área de Direito Digital.

Para confirmar a tese de que leis não são eficazes contra spams, Rover cita o caso dos EUA, onde qualquer e-mail, para circular dentro do país, deve possuir remetente legítimo. No caso de mensagens de mala-direta, enviadas a mais de um usuário, o receptor tem, por direito, a alternativa de poder desligar-se da corrente em que foi inserido através de mecanismos oferecidos pelo próprio e-mail. "Leis desse tipo são facilmente burladas. Não há como impedir o desenvolvimento desse tipo de tecnologia", confirma Rover.

Cautela

No Brasil, os últimos dados divulgados pelo Centro de Estudos, Resposta e Tratamento de Incidentes de Segurança (CERT) contabilizam mais de 2,6 milhões de ocorrências registradas contra spams. Entre as principais queixas dos usuários, estão o gasto desnecessário de tempo para deletar mensagens não solicitadas, a memória extra exigida dos servidores que as armazenam, o não recebimento de e-mails realmente importantes, em razão de caixas de entrada lotadas, e a perda de produtividade, principalmente em empresas.

Para não entrar nesta estatística, Savi alerta para a cautela na divulgação de endereços eletrônicos. "Qualquer pessoa nova na Internet precisa de um e-mail para contato, mas, para não ter a privacidade invadida, o mais importante é não jogar informações pessoais na Rede com tanta facilidade". Filtros anti-spam e o uso de programas de e-mails eficazes na separação dessas mensagens também são armas importantes nessa guerra.

uma ode ao presunto enlatado

Spam! Spam! Spam! Lovely spam! A frase é do grupo humorístico Monty Python, foi citada na TV na década de 70 e popularizou a divulgação de mensagens indesejadas pela Rede com a famosa denominação de 'spams'.

No quadro do programa "Monty Python's Flying Circus TV Show", vikings famintos invadem uma taverna e consultam o cardápio. Para surpresa do grupo, todos os pratos do local são preparados com o mesmo ingrediente: o presunto suíno SPAM, da marca norte-americana Hormel Foods. Razão para os gritos irônicos e de protesto.

Com o tumulto e a intromissão dos vikings, a tranquilidade e a comunicação dos clientes do restaurante é prejudicada, nítida comparação com os transtornos ocasionados por spams indesejáveis. Eis o porquê da relação entre os dois nomes.

Criada em 1937 e pioneira na fabricação de presunto suíno enlatado nos Estados Unidos, a própria Hormel Foods faz questão de distanciar a sua marca do substantivo 'spam', mal visto pelos usuários da Internet. Em seu site oficial, explica, "nosso produto é grafado com letras maiúsculas - SPAM -, ao contrário da praga virtual, o spam".



BLOG.DATA-PIRATES.ORG

INVESTIGAÇÃO

JC, detetive particular há quinze anos

A porta não tem placa, mas o serviço é de primeira. Amante infiel e até funcionário de ferro velho já foram desbaratados

ROBERTA ÁVILA

Edifício Comercial Pórtico, rua Felipe Schmidt, centro de Florianópolis. No nono andar, uma das salas destoa das demais. Todas as portas têm placas de identificação de psicólogos, dentistas e outros profissionais, exceto a porta da sala 907, toda branca, sem campanha, aparentemente desocupada. Uma pessoa se aproxima, bate na porta e entra. Apreensiva, sente a respiração ofegante. Na sala de seis metros quadrados, mal iluminada e quase sem mobília, funciona a JC Investigações, empresa de detetives particulares.

Lá dentro, com um casaco de couro preto, um capacete numa mão e uma câmera de longo alcance na outra, um dos detetives particulares da equipe mostra para JC, dono da empresa, a filmagem que acabara de fazer: uma mulher loira sai de um carro e entra em um prédio residencial. "Ela não está com roupa de ginástica", comenta o detetive. Sem saber que é observada, a loira entra no prédio, vai para um apartamento no terceiro andar e circula pela casa falando ao telefone.

A mulher que aparece na filmagem está sendo vigiada a pedido do namorado, que mora em outro Estado. Ele é casado e, para evitar problemas e tê-la sob controle, paga todas as despesas dela em Florianópolis. De tempos em tempos, ele contrata os serviços de JC para saber o que a amante faz quando

ele não está por perto.

Esse é um caso comum para o detetive particular JC. Há quinze anos, ele oferece serviços de investigações criminais, políticas, empresariais, infidelidade conjugal e levantamento de informações sobre o passado de uma pessoa, além de ser constantemente contratado por pais que querem descobrir se os filhos estão usando drogas. Para isso, JC conta com uma equipe de três casais de detetives, todos credenciados na Secretaria de Segurança Pública de Santa Catarina, que usam filmadoras de longa distância, microcâmeras, gravadores e o que mais for necessário para descobrir o que seus clientes querem saber.

Quem contrata um detetive?

"Gente de todo tipo contrata serviços de investigação, desde médico, empresário, até balconista", afirma JC. Os serviços só não atraem mais clientes porque os preços são salgados: uma investigação curta leva de 3 a 10 dias para ser completada, custando entre R\$ 350,00 e R\$ 400,00 a diária. "O preço depende do serviço. Colocar alguém dentro de uma empresa, por exemplo, leva mais tempo e sai mais caro". Foi o caso de um dos trabalhos recentes de JC: investigar se os funcionários de um ferro-velho eram confiáveis, a pedido do dono do estabelecimento. As suspeitas do ou as suspeitas de desvios de materiais.

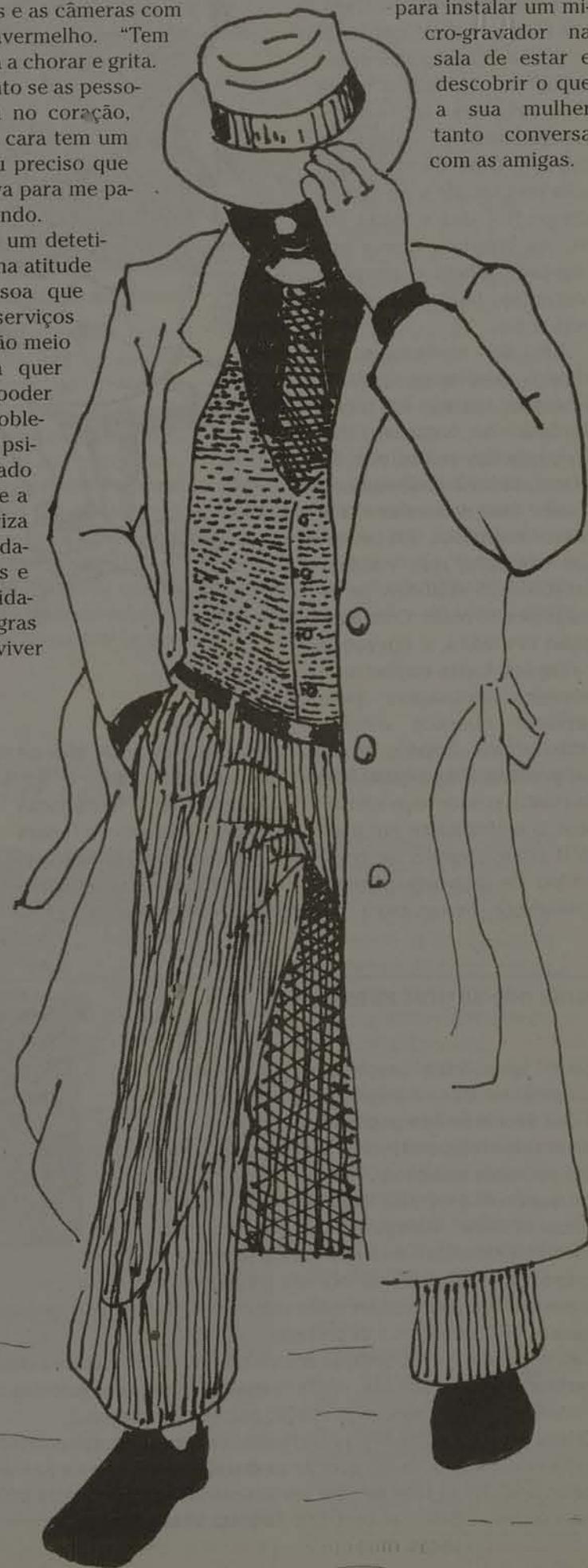
Os casos de infidelidade conjugal também são muitos. "O problema é quando o cara acha que a mulher está saindo com outro cara e a gente pega ela saindo do motel com outra mulher, ou vice-versa. Casos assim exigem que a gente prepare o sujeito, porque é um choque", explica JC, dizendo que ser detetive também é ser um pouco psicólogo. Nem sempre as pessoas estão preparadas para ver e ouvir tudo o que captam as escutas e as câmeras com dispositivo infravermelho. "Tem gente que começa a chorar e grita. Eu sempre pergunto se as pessoas têm problema no coração, porque vai que o cara tem um troço e morre. Eu preciso que o cliente sobreviva para me pagar", explica sorrindo.

Contratar um detetive particular é uma atitude extrema. "A pessoa que contrata nossos serviços está numa situação meio desesperada. Ela quer ter provas para poder resolver seus problemas", diz JC. Já o psicólogo Kléber Prado Filho acredita que a sociedade valoriza muito a privacidade dos indivíduos e isso gera curiosidade. "Existem regras comuns para se viver

em sociedade, mas é na vida privada que as pessoas se revelam".

Além disso, segundo Kléber, a tecnologia possibilita que as pessoas se exponham e monitorem a privacidade alheia através de câmeras e da própria Internet. É o comércio da privacidade: você pode vender a sua, colocando uma webcam no quarto e cobrando de quem quiser assistir, ou

contratar um detetive para instalar um micro-gravador na sala de estar e descobrir o que a sua mulher tanto conversa com as amigas.



tecnologia de investigação



Filmadora: com zoom óptico 8X e zoom digital de até 450X. Também possui sistema infravermelho.



Caneta gravador: um equipamento clássico dos filmes de espionagem, já é um produto batido entre os detetives da vida real.



Filmadora Analógica: tem um zoom óptico de até 20x e zoom analógico de até 990x. O sistema infravermelho permite gravar vídeos em escuridão total a uma distância de até 30 metros.

Maleta 007: no melhor estilo James Bond, com uma câmera no seu interior e dois orifícios, um para a lente e outro para o áudio. Também nas versões maleta feminina e maleta de executiva.



Mini gravador: com capacidade para 445 minutos de gravação, também possibilita a gravação de conversas telefônicas e os arquivos podem ser transferidos para o computador.



MP3: os detetives usam o gravador do aparelho que dentro do bolso passa despercebido.

JOGADORES

Vida boêmia de jogadores de futebol provoca polêmicas

TIAGO AGOSTINI

Alta madrugada do dia 29 de setembro, em uma boate da Beira-mar Norte. O lateral Edílson e o volante Felipe Magalhães, ambos do Avaí, se envolvem em uma briga com os seguranças da casa noturna. A confusão se torna pública e, na segunda-feira, os dois não viajam com o elenco para enfrentar o Santo André pela 28ª rodada da Série B do Campeonato Brasileiro de 2006.

Edílson, 20 anos, volta para a equipe de juniores. Felipe, 21 anos, já sem idade para atuar na equipe inferior, passa a treinar separado do grupo. O gerente de futebol do clube, Joceli Santos, é

enfático sobre a situação: "Evidentemente não era um horário para eles estarem lá!". Os dois tinham treino às 8 horas da manhã do dia seguinte.

O Avaí não passava por bom momento no campeonato. O sonho de subir à primeira divisão ficava cada vez mais distante. Isso depois de ter permanecido durante mais de dois meses como líder da competição. O momento da equipe e a pressão da torcida não deixaram alternativa aos dirigentes. "Se o time está ganhando, o jogador pode beber cerveja que o torcedor vai achar que é refrigerante. Mas, se o time está perdendo, o torcedor vê o jogador bebendo refrigerante e diz que é cerveja. Não adianta, quando um caso desses estoura e se torna público, a gente é obrigado a cortar, afastar. Não tem como pôr panos quentes na situação", decreta Santos.

Foi-se o tempo em que o futebol era levado de uma forma mais lúdica. Tempo em que o folclore sobre as principais estrelas do jogo era infundável. E que muitas histórias eram verdadeiras também. Época em que a Seleção Brasileira era campeã mesmo com todas as notórias e conhecidas farras que aconteciam fora da concentração, principalmente nas Copas de 58 e 62. Quem nunca ouviu falar das escapadas dos jogadores canarinhos para visitar garotas suecas durante a

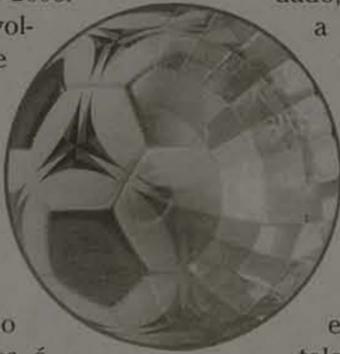
conquista do primeiro título mundial?

Em algum momento entre as décadas de 80 e 90, as palavras chaves no futebol passaram a ser profissionalismo e seriedade – por mais que a situação do futebol brasileiro e a atuação de grande parte dos dirigentes mostrem o contrário. No momento em que há evolução financeira no esporte e que a formação do atleta passa a ser feita com mais cuidado, também surge

a cobrança por um retorno. "A partir daí o jogador começa a pensar em se disciplinar, pois percebe que se ficar apenas na boemia, por mais talentoso que seja, seu desempenho não vai ser tão bom", observa Flávio Roberto, ex-meia do Grêmio e Fluminense.

O cuidado do atleta com sua vida pessoal e privada ficou dobrado. O crescimento do futebol como negócio aumentou a cobertura do esporte pela mídia. O volume de informações sobre cada atleta hoje é maior do que há 15 anos atrás. Para não se incomodar, Joceli Santos defende que o fundamental é o jogador conhecer seus limites. "O atleta profissional sabe direito quais os deveres e compromissos com o clube quando assina um contrato. Fora de campo o clube nunca vai cuidar da vida particular." O aspecto físico é o mais afetado pelos possíveis excessos. E no futebol competitivo e de marcação dura de hoje, estar mal fisicamente é quase certeza de mau desempenho em campo.

O jovem zagueiro do Avaí Fábio Fidelis, contratado no início do ano das divisões de base do rival Figueirense, evita ao máximo se expor. Seguro e eloquente, calmo ao falar, ele aprecia programas com a namorada, como ir ao cinema e a barzinhos. Mas conta a verdade, só programas família, Fábio? "Claro que também gosto de curtir uma balada, só que procuro sair só na folga. Não dá pra ficar o tempo todo em casa; afinal, jogador também precisa de diversão."



ÁRBITROS

O filho da mãe mais odiado no país da bola

Fora dos gramados, sem apito ou cartão vermelho nas mãos, árbitro convive todos os dias com as reações apaixonadas dos torcedores

EUCLIDES GARCIA

O árbitro catarinense Marco Antônio Martins, 39, define da seguinte maneira a visão que o torcedor tem sobre o juiz de futebol. "O pressuposto é que o árbitro é ladrão. Só muda o fato de que você pode roubar mais ou menos." Mais do que responsável por aplicar as regras do jogo, o árbitro precisa administrar a paixão das torcidas. O contato com os torcedores no dia-dia de um juiz de futebol é inevitável. Piadinhas, cobranças e agressões acabam acontecendo. Cada árbitro, então, utiliza uma "tática" própria para tornar saudável o contato com a torcida.

Essa relação com o torcedor foi um pouco mais fácil para o ex-árbitro Clésio Moreira dos Santos, o Margarida, 47. Vestindo um uniforme todo cor-de-rosa e exagerando nos trejeitos ao apitar, ele se tornou uma figura folclórica no futebol de Santa Catarina. Graças ao personagem caricato, as torcidas sempre o abordavam de uma maneira diferente. Como na vez em que um torcedor cobrou a vitória do seu time no jogo da rodada seguinte e prometeu um agrado se o pedido fosse atendido. "Ele disse que se o 'nosso' time ganhasse, me levaria para um motel".

Apesar do tom de brincadeira, Margarida diz que o torcedor é maioria e sempre merece receber atenção, desde que o diálogo seja saudável e com o devido distanciamento que a situação exige. Por lidar com as emoções da torcida, agressões verbais ou mesmo tentativas de agressões físicas foram comuns ao longo da carreira. Margarida evitava frequentar locais perto dos estádios nos dias próximos à data das partidas. Esse "regime de concentração" não era uma perda de privacidade, mas apenas uma forma de mantê-la. "Era a minha maneira de agir. Também tirei meu nome da lista telefônica para não expor minha família a nenhum perigo."

O árbitro Paulo Henrique Bezerra, 37, tem opinião semelhante. Para ele, a cobrança da torcida é natural e não uma invasão de privacidade. O que muda é a exposição constante de sua imagem para o público. Bezerra, que já apitou 13 jogos da Série A do Brasileiro em 2006, diz que há torcedores para todos os gostos, dos conscientes aos mais fanáticos. Diante de todos eles, porém, o juiz de futebol deve adotar uma postura altamente profissional e pacífica. "Nunca parto para o confronto. Desde que a pessoa se proponha a ouvir,

dou margem ao diálogo. Do contrário, viro as costas e vou embora." O árbitro catarinense também acredita que, na visão do torcedor, o culpado das derrotas é sempre o suposto erro do juiz, mesmo que o time não tenha sido eficiente e tenha cometido vários erros durante o jogo. "Torcedor nunca admite perder."

A vida segue

"Isso de tirar o nome da lista telefônica, deixar de frequentar lugares públicos e querer desaparecer é besteira. Tenho que trabalhar e viver minha vida normalmente." Marco Antônio Martins é enfático ao dizer que não altera em nada o seu dia-a-dia por ser juiz de futebol. "Se precisasse fazer tudo isso, ia ser outra coisa e não árbitro."

A FIFA (Federação Internacional de Futebol) determina que todo árbitro, para poder atuar, tenha vínculo empregatício (veja box). Martins é funcionário público e convive com dezenas de pessoas todos os dias. Segundo ele, a abordagem da torcida varia entre a brincadeira, a ironia e a agressividade. O que não muda é o fato do torcedor ser movido apenas pela paixão e isso independe da classe social. "Há três meses, um professor universitário me chamou de sem-vergonha, por causa de um lance polêmico no gol do Avaí contra o Internacional. Isso por que era apenas um amistoso! Mas torcedor é assim mesmo, só emoção. O árbitro tem de relevar e levar na brincadeira."

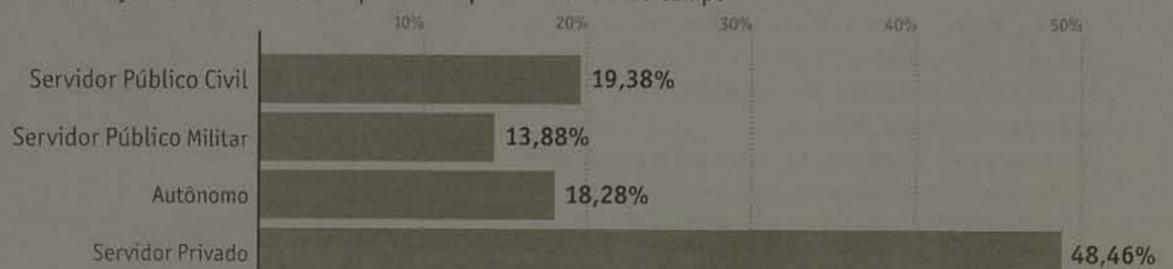


CLÉSIO Moreira dos Santos, o Margarida

ARQUIVO PESSOAL

profissões

Distribuição dos árbitros da CBF pelas suas profissões fora do campo



FONTE: CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL (CBF).

Crônica da vida Privada

FELIPE SEFFRIN

Não há coisa mais privada que banheiro. Se houvesse, a privada não se chamaria privada, se chamaria popular. Afinal, não é da conta de mais ninguém o que se faz (e às vezes o que não se faz) ali.

Eu sempre fui chato com essas coisas. Quando morava com meus pais, tinha um banheiro só meu. O meu sabonete com os meus pêlos, a minha esponja com a minha sujeira, a minha toalha com o meu molhado, e a minha privada. Do jeito que eu gosto.

Usar o banheiro na rua é pesadelo. Pipi-móvel então, nem pensar! Claro, há situações em que não há como evitar. Para isso eu carrego um treco de limpeza que minha mãe me deu, e alguns rolos de papel. Também desenvolvi algumas técnicas, pra não encostar em nada. Cócoras é coisa de amador.

Mas a gente cresce e vai se adaptando. Passei no vestibular em outro estado, e tive que me mudar. Morar longe dos pais é complicado pra qualquer um. E pra mim foi ainda mais, por esta minha mania um pouco obsessiva por privacidade no privativo. Encontrei um apartamento acessível, perto da universidade e novinho em folha. Então encarei a mudança.

Os primeiros meses foram aquela coisa tradicional de se adaptar a uma nova cidade, conhecer novas pessoas, ter novos hábitos. Mas da minha higiene eu não abro mão. Não que eu seja a pessoa mais limpa do mundo, ou seja um fresco. Eu também sou humano. Também limpo o salão, faço uma bolinha e grudo em baixo da carteira - essas coisas que todo mundo faz. Mas sei lá. É a minha mania. Todo mundo não tem a sua? Eu não uso o banheiro dos outros e não gosto que usem o meu. Nada de mais.

Uma vez tive que ir contra meus princípios. Maldita coxinha de frango do bar da universidade (mais tarde interditado). Tive que ir pra casa mais cedo. Correndo. Suando. Ao abrir a porta o que vi me deu medo. Uma água lodosa avançava lentamente por baixo da porta do meu banheiro. Preferia ter visto um fantasma.

Tive sangue frio. O susto adiou a vontade urgente. Não sabia o que fazer. Liguei pra mãe. Se havia alguém culpado, era ela. Quem mandou me educar assim? (Até hoje lembro dela dizer pras vizinhas que eu tinha a bundinha de nenê mais limpa das redondezas.) Ela disse o que eu temia. "Ah, meu filhinho. Se vira".

Quase não conseguindo pensar direito, os olhos já marejados, me lembrei da vizinha da frente. Uma morena baixinha, que deixava um cheiro de primavera pelo corredor quando passava. Eu nunca tinha falado com ela. Era a hora.

Não havia escapatória. Definitivamente eu precisava usar o banheiro. É incrível como se cria coragem quando se está com o bucho apertado. Ensaiei. Falaria que estava fazendo uma pesquisa, vendo posição solar, sei lá. Toquei a campainha. A porta abriu. "Err. O-Oi? Err. Tu-tu-tudo bem? O-meu-banheiro-estourou. Nunca-usei-o-banheiro-de-outra-pessoa-na-minha-vida! Lá-em-casa-tinha-um-só-pra-mim. Está-uma-lama-só-ali. Eu-PRECISSO-usar-o-teu-banheiro." Quando percebi, havia falado tudo. Me sentia um completo idiota. Sujou.

Nunca vou esquecer as suas palavras. "Desculpe. A minha privada é só minha". Virei a cara e voltei pro meu apartamento. Demoraram 18 angustiantes horas para meu banheiro voltar ao normal.

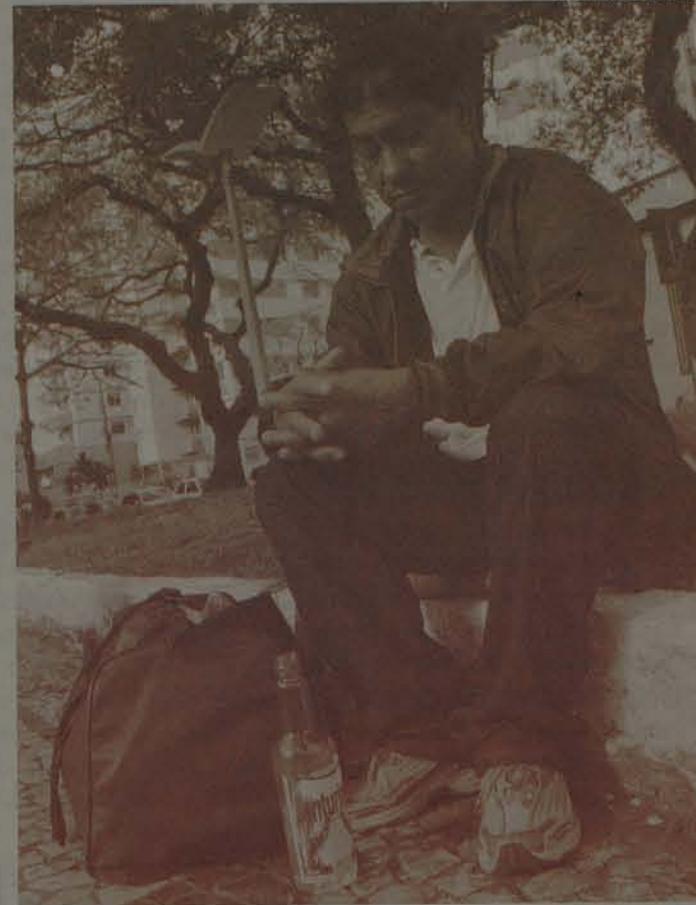
Certa vez recebi um e-mail com uns dizeres de porta de banheiro de beira de estrada. Um deles dizia "lá fora você é um baita macho, aqui dentro você é um baita cagão". Em partes eu até concordo. Fora do meu banheiro eu sou muito do macho. Mas, sentado em meu trono privado, eu sou um rei.



MURILO MELLIO



HENRIQUE SILVEIRA



HENRIQUE SILVEIRA

HENRIQUE SILVEIRA



Alunos da disciplina de Fotojornalismo II, sob orientação do professor Wallace Lehnemann, captam momentos de privacidade em pleno Centro de Florianópolis.